

Belo Horizonte, Novembro/2011
EDIÇÃO ESPECIAL
Secretaria de Estado de Cultura

SUPLEMENTO

O ÁSPERO
LIRISMO DE
**WANDER
PIROLI**

Quinta

UM HOMEM SE EXPLICA

WANDER PIROLI

Wander Piroli é o nome todo. Sessenta e seis anos de Belo Horizonte. Meus pais: Aurélio e Elvira, ambos falecidos. Tinha um ano quando minha mãe Elvira morreu. Fui então – com minha irmã Edda – criado pela avó Joana, a quem sempre chamei de mãe. Se quiserem conhecê-la e saber como vivíamos, leiam o conto “A mãe e o filho da mãe”. Meu pai era, pelo menos, pintor de máquinas de padaria.

Nós morávamos na Lagoinha, um bairro safado, de características muito especiais, que começava na Praça Vaz de Melo (que chamávamos de Praça da Lagoinha, uma praça incrível) e terminava na Pedreira Prado Lopes. Pessoas de boa família evitavam tanto a praça quanto a Pedreira que, como eu já disse, abasteciam com sobra o noticiário policial dos jornais. Um reduto de marginais, bêbados, vagabundos, criminosos – diziam. Mas nós nos sentíamos muito à vontade na Pedreira e amávamos a Praça, que sempre teve a mania de ficar acordada dia e noite. A Pedreira é uma favela, mudou; a Praça foi derrubada, acabou.

A condição operária de minha família, o azeite Bertolli, o bairro da Lagoinha (que até hoje carrego no peito), o tio Tonico, a cidade,

enfim, influíram no tipo de literatura que estou tentando fazer.

O curso primário foi feito no Silviano Brandão. Pulei depois para os colégios Arnaldo, Marconi e Mineiro (hoje Estadual) e escola técnica de comércio Tito Novais. Apesar do diploma técnico em contabilidade, entendo mesmo é de débito. E, pelo jeito, vou acabar morrendo sem saber o que é crédito.

Para agradar ao meu pessoal, fiz também o curso de Direito, na Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG. Advoguei (com perdão da palavra) durante uns quatro/cinco anos principalmente na Justiça do Trabalho. Não consegui resolver os problemas dos empregados nem o meu, que era o de sustentar a família. Caí, então, em jornal. E a questão piorou mais ainda.

Claro que fui funcionário público: sete anos de Secretaria de Agricultura. Quatro anos de escritório Técnico da Cidade Universitária, mas sob o regime da CLT. Trabalhei no *Binômio* (a melhor escola de jornalismo), *O Diário*, *Última Hora*, *O Sol*, *Diário de Minas*, *Estado de Minas*, *Jornal de Shopping*, *Rádio Guarani*, *Jornal de Domingo*, *Rádio Inconfidência*, *Hoje*

em Dia (primeira fase, em que ele pretendia ser um matutino popular, mas de qualidade). Atualmente mantenho texto diário no *Diário de Belo Horizonte*. Aposentado pela Câmara Municipal.

Casado, quatro filhos e cinco netos. Publiquei sete livros. *A mãe e o filho da mãe* (contos), *O menino e o pinto do menino* (uma noveleta para crianças em idade escolar e para adultos, que ainda não mataram o menino/ a que existe dentro de nós), *Os rios morrem de sede* (juvenil), *Macacos me mordam* (juvenil), *A máquina de fazer amor* (contos), *Os dois irmãos* (infantil) e *Minha bela putana* (contos).

O menino e *Os rios* estão na Editora Moderna, ambos em 28ª edição. Em dezembro de 96, a Global lançou uma antologia – *Os melhores contos* – organizada por Valdomiro Santana (da Bahia).

Tenho uma porção de livros inéditos, entre eles pelo menos três de contos, alguns juvenis, um de poesia (sem poesia, acho), dois romances e uma peça de teatro.

(Texto de 1997, extraído do livro inédito *Para jovens em idade escolar*)

EDIÇÃO ESPECIAL

Marca inconfundível

Um dos mais vigorosos representantes do conto brasileiro, Wander Piroli, mineiro de Belo Horizonte, marcou com lucidez cortante, realista, cruel, mas sempre lastreada por uma ternura íntima, as páginas carregadas com a herança do velho e boêmio bairro da Lagoinha de sua juventude, fazendo de seu texto uma lâmina afiada que desvelava com amor e precisão os miseráveis que acolheu em seus livros.

Miseráveis que tentou defender quando, recém-formado em Direito, militou como advogado em lides trabalhistas, mas onde descobriu que seu destino seria o jornalismo e a literatura. E foi conjugando as duas atividades que traçou o perfil de seus personagens, muitos deles marginais que mostravam a cara real da vida, que Wander Piroli realizou alguns dos mais notáveis contos desta terra de contistas. E foi além: escreveu um insuspeitado romance, lançado postumamente – *Eles estão aí fora*, Editora Leitura, 2006 –, e diversos livros dedicados ao público infanto-juvenil, através dos quais introduziu a ecologia e o realismo num universo até então encoberto pela falsa fantasia.

Wander Piroli, que completaria 80 anos de idade neste 2011, foi editor do Suplemento Literário do “Minas Gerais” em 1975, e, mesmo no curto espaço de cinco meses, cravou em nossas páginas sua marca inconfundível.

O presente número especial traz as homenagens de alguns de seus companheiros de trajetória: lembranças dos amigos escritores Ignácio de Loyola Brandão e Antônio Torres, crônicas de Fernando Brant e Sebastião Nunes – que destaca o conto “Festa” como o melhor conto brasileiro –, além de recordações de seus colegas jornalistas em depoimentos organizados por Regis Gonçalves e Sebastião Martins. Nosso conselheiro editorial Carlos Wolney Soares, que acompanhou sua caminhada desde os primórdios do SLMG, ilustrou todos os contos desta homenagem.

Mineiro de Manhuaçu, premiado nacionalmente como caricaturista, Quinho emprestou seu talento para o retrato da capa.

UMA CASA NA PEDREIRA: DEPOIMENTOS

SEBASTIÃO MARTINS

Ainda nem conhecia pessoalmente o Wander, quando parti para um exílio voluntário em Paris, levando na mala dois livros, feito âncoras que me impediriam de perder a nacionalidade mineira: A mãe e o filho da mãe e a obra completa de Carlos Drummond de Andrade. Tempos depois, amigos dele o trouxeram à redação do *Estado de Minas*, para discutirmos a possibilidade de tê-lo como redator na Editoria de Cidade. E, daí em diante, seríamos companheiros pelo resto da vida, jogando sinuca, falando bem e mal da vida ou lendo os seus inéditos. Não resisto à tentação de reproduzir um longo parágrafo no qual Wander descreve a vida cotidiana da sua Lagoinha natal. Tudo começou ali: sua visão de mundo, o jeito largado de viver, as madrugadas nos botecos e, ao mesmo tempo, sua improvável – mas real – dedicação à família.

"Nós morávamos na Lagoinha, um bairro safado, de características muito especiais, que começava na Praça Vaz de Melo (que chamamos de Praça da Lagoinha, uma praça incrível) e terminava na Pedreira Prado Lopes. Pessoas de boa família evitavam tanto a Praça quanto a Pedreira, que, como eu já disse, abasteciam com sobra o noticiário policial dos jornais. Um reduto de marginais, bêbados, vagabundos, criminosos – diziam. Mas nós nos sentíamos muito à vontade na Pedreira e amávamos a Praça, que sempre teve a mania de ficar acordada dia e noite. A Pedreira é uma favela, mudou; a praça foi derrubada, acabou. A condição operária de minha família, o azeite Bertolli, o bairro da Lagoinha (que até hoje carrego no

peito), o tio Tonico, a cidade enfim, influíram no tipo de literatura que estou tentando fazer."

Esse retrato do seu território de origem talvez não explique todo o Wander, mas não resta dúvida de que a Lagoinha marcou, para sempre, o jornalista e escritor. Contos memoráveis – como "Festa" – nasceram ali, assim como a discreta ironia com que o autor tratava seus temas e personagens.

As várias dimensões de Piroli exigiam bem mais que este voo rasteiro, que mal arranha a superfície. Por isso, comparecem aqui – como convidados especiais – outros jornalistas que o amaram: Marco Octavio Camargo Teodoro, o Marão; Paulo Narciso, hoje refugiado em sua Montes Claros natal; o editor André Carvalho, que teve a ideia original e louca (diziam na época) de lançar Wander Piroli como literatura para crianças, e Glória Maria Varela, aluna dele nos poucos meses em que Piroli se arriscou a dar aulas no curso de Comunicação da PUC-Minas.

Cada um tem o Wander que escolheu: o boêmio inveterado pertence ao Marão; o totem ("animal, planta ou objeto que serve como símbolo sagrado de um grupo social", ensina o Dicionário Houaiss) fica nas mãos de Paulo Narciso; o sucesso nacional é o departamento do André Carvalho, e a tarefa de Glória Varela, que agora faz TV em Brasília, é desenhar o perfil do mestre informal, que se tornou jornalista por acaso e necessidade e nunca admitiu que soubesse fazer jornal e muito menos ensinar. Haverá tantos outros quantos forem os seus futuros biógrafos. Tenho inveja deles.

A LEI DO SILÊNCIO

Pouca gente imagina o Wander Piroli como um “homem de família”. Mas ele era. E muito. Bom, basta dizer que a literatura primária dele saiu do âmbito familiar. Dona Aparecida era a Nega. E ele, para ela, o Nego. A semana era dedicada ao jornalismo, aos amigos, à boemia, mas o fim de semana era consagrado à família. Sempre iam para um sítio, no condomínio Nossa Fazenda. Não tinha nada de extraordinário, a casa era simples, mas lá até futebol o Wander jogava com o filho e, se preciso fosse, com as filhas também. Não deixava de tomar cachaça e comer como um italiano. A família tinha o maior respeito pela vida externa do Wander. Inclusive pelos amigos. Se um amigo pedisse socorro às três, quatro horas da manhã, Dona Aparecida atendia o telefone e, de boa vontade, passava para ele. Não dava uma hora e o Wander estava ao lado do amigo, mesmo que fosse para ir ao Restaurante Bandeirantes, na Avenida Antônio Carlos, um fecha-nunca onde se reuniam motoristas de táxi da madrugada, policiais civis e putas de todos os naites. Aquilo era um shopping da madrugada, onde se podia ouvir de tudo e imaginar tudo. Mas os primeiros raios da manhã sempre fechavam o lugar. Os ônibus que inundavam a Antônio Carlos, lotados de trabalhadores, iniciam os que só teriam compromisso com a próxima noite.

Mas gente como o Wander e seus amigos não gosta de perder tempo. Ele sempre dormiu pouco, para viver cada minuto acordado. De tudo tirava proveito e para tudo tinha um sábio conselho. Nunca era possível saber ao certo de onde tirava tanta sabedoria. Mas geralmente tinha razão. Portanto, não seriam uns raios de sol que iriam devolvê-lo à casa.

O Restaurante Bandeirantes era bem perto da Pedreira Prado Lopes, e lá, com certeza, haveria um monte de personagens e o dobro de histórias que aqui embaixo. Subíamos o morro. Àquela época, a criminalidade era até romântica. O bandido mais poderoso era o bicheiro.

Tráfico pesado era a maconha, que Woodstock havia consagrado.

O topo da Pedreira era um lugar muito interessante e tinha um bar de acomodações razoáveis. Um bar sem nome. Mas a cerveja era gelada, a cachaça barata e o tira-gosto provocava uma azia suportável. O único problema é que naquele tempo não existia celular. E naquele ponto da Pedreira não havia telefone público. De forma alguma o Wander se preocupava com isso. Ele nunca tinha a quem dar satisfação. Mas achou importante quando ficou resolvido que colocaríamos ali um telefone público. O interessante é que havia muito vandalismo contra os pobres dos telefones públicos, principalmente na Zona Sul. Namorado que brigou com a namorada espancava o telefone público. Roubavam o fone só por roubar, como se isto tornasse os rapazes mais homenzinhos. A Telemig tinha muita dificuldade para manter os telefones funcionando e houve até uma campanha para mudar a cabeças dos garotos. Já o da Pedreira foi um dos destaques. Todos os dias ele era até lustrado. Tinha gente vigiando dia e noite. Todo mundo imaginou que esse cuidado todo é porque o telefone era a própria assistência social. Wander, entretanto, concluiu que era o telefone da contravenção e, por isso mesmo, tão bem conservado. E se apaixonou tanto pelo lugar que resolveu alugar um barracão em frente ao “nosso bar”. Fez isto sem contar nada para ninguém. Já era considerado um cidadão exótico, e com mais esta viraria folclore.

Na verdade, ele sempre foi muito reservado para um monte de coisas, apesar do jeito de viver e até mesmo do seu corpanzil enorme, que dava a entender que era um cara espalhafatoso. Não era. Não era mesmo. No seu DNA, a lei do silêncio imperava. Então, na surdina, passava madrugadas no barracão da Pedreira, escrevendo. Isso faz crer que os seus vários livros inéditos que ainda estão por sair foram todos, ou em sua grande maioria, produzidos

nesse esconderijo secreto, um verdadeiro maná para o tipo de literatura que passou a produzir mais na maturidade. Uma coisa meio Bukowski. Ele gostava do cara.

Acho que está claro que o Wander tinha fortes laços familiares, se orgulhava da sua origem calabresa e era extremamente fiel aos amigos. Ah, claro, amava perdidamente a vida.

A época do Jornal de Shopping, na sexta-feira o jornal já estava fechado por volta de três da tarde. Então, sentávamos na Gruta do Alvim para beber alguma coisa. Não que isso seguisse uma regra. Bebia-se a qualquer hora. Até mesmo na redação, onde, infalivelmente, Wander tinha uma garrafa de cachaça embaixo da mesa.

Foi quando se tornou o chefe, o grande Chefe. A palavra “Chefe” virou símbolo entre os seus discípulos (que são muitos). Mas às sextas-feiras seguia-se mais ou menos este roteiro: Gruta do Alvim até quase cinco da tarde. Dali para frente, o Wander achava que o ambiente ficava inconveniente, principalmente porque passava a ser frequentado por colegas e o assunto seria refrão: criticar jornais e jornalistas. Coisa muito chata. A gente gostava de outros assuntos. De preferência, assunto nenhum. Numa dessas sextas-feiras, quando o horário perigoso começou a se aproximar, fugimos para o Bar do Toninho, no Bairro da Serra. Lá nos aboletamos com o cotovelo no balcão e ficamos. O Bar do Toninho era uma venda. Tinha saco de arroz, açúcar, corda de bacalhau e ambiente que dava gosto no Wander ficar ali. E ali as horas se passaram. Lá pelas nove da noite ele falou: “Vou pegar a patroa e vou para a chácara. Tá na hora.”

Acontece que para ir até a sua casa tinha que passar na porta do Restaurante Marcelão. E coincidiu do próprio Marcelão estar atravessando a rua naquele exato momento, para começar mais uma noite de comidas e bebidas. Havia uma admiração mútua entre eles, e não foi possível passar sem um pit stop.

O que beber, depois de tanta cachaça e cerveja? Wander optou por Cuba Libre, “para hidratar”.

Conversa vai conversa vem, às duas da manhã veio nova ordem, determinante:

— Vamos embora. Vou pegar a patroa e levar para a chácara.

Então a Carminha, garçonne do Marcelão, apareceu com duas garrafas de rum, vazias.

— Olha, eu trouxe as garrafas para vocês verem porque poderiam não acreditar. Foram 32 doses, 16 para cada um.

Estávamos só Wander e eu.

O exagero fazia parte da vida dele. Era intrínseco, essencial. Se íamos jogar sinuca, era até o dia amanhecer. Houve dia em que tive que ajeitar o nó da gravata às oito da manhã e voltar direto para o escritório. O preferido era o Brunswick, mas várias vezes fomos até dez da manhã no Savassinuca, principalmente quando ele recebia visitas de fora da cidade, como o escritor João Antônio.

O interessante no jogo de sinuca do Wander era que as partidas duravam horas. Ele amarrava tanto que o jogo não terminava. Esta era a lição de jogador que trazia da Lagoinha.

Wander tinha um problema com a Zona Sul. Era cavalheiro, cortês e gentil, mas em ambientes muito requintados não conseguia deixar de escorregar. E fazia de propósito. No meu restaurante, o *Atelier de Comida*, protagonizou histórias memoráveis. A mais antológica, numa certa noite, foi quando, com seu vozeirão, achou que estava sussurrando para a Preta Senra, ao berrar:

— Preta, dou-lhe uma enrabada.

Todas as mulheres presentes no restaurante sentiram um frio na espinha.

De outra vez, me ligou à uma da manhã:

— Vem aqui no Café Ideal.

Wander no Café Ideal, a mais burguesa de todas as casas da cidade, o dodói da sociedade mineira? Fui, para acreditar. E lá estava o próprio, em companhia do editor Sérgio Lacerda, filho do Carlos Lacerda, que iria editar um livro dele. E, bem em frente dele, tomando cachaça aos goles, ninguém menos que o lendário colunista social Zózimo Barroso do Amaral.

Até então não se vendia cachaça em lugares que a nobreza frequentava, mas o Wander, só para subverter a ordem, levou duas garrafas. Foi uma noite sensacional, como todas as que passamos juntos. E ninguém jamais viu o Zózimo tão feliz.

MARCO OCTAVIO CAMARGO TEODORO

UM NOME CURTO PARA UM LEGADO ENORME

Quando morreu Monzeca, também chamado de Hermenegildo Chaves, Ayres da Mata Machado Filho pediu licença para ser enfático – “desculpai, mas Monzeca, entre nós, foi o melhor”.

O mesmo peço permissão para dizer.

Wander Piroli, em tudo (editor, escritor, amigo, Homem) foi, de nossa geração (a dele, um pouco antes), o melhor de todos.

Já o conheci quando o autor de *A mãe e o filho da mãe* entrava nos 40 anos e eu, seu repórter na Editoria de Polícia do jornal *Estado de Minas*, nos 20.

Foi Wilkie Rodrigues (por Wander batizado de “embaixador senegalês”) quem me segredou, com cerimônia e cumplicidade: “é o genial Wander, escritor”.

Nada sugeria o intelectual.

Sua simplicidade não cabia no molde do contista mineiro, classe que atingia o topo da glória naquela quadra.

Despojado, sem preocupação com o apuro em vestir, camisas eternamente queimadas por brasas de cigarro, era o cidadão comum, um operário, origem da família italiana da qual se orgulhava, e cuja saga está no autobiográfico *A mãe e o filho da mãe*.

No time de futebol bissexto da redação, era o único que jogava descalço, sem prejuízo de chutar forte com o dedão levantado. Perguntado se pretendia chegar à Academia Brasileira de Letras, respondeu afirmativamente.

— Sim, quando estiver entrevado.

Nada, repito, nada até os últimos dias indicava que o homem modesto era o escritor Wander Piroli, admirado em toda parte, por tantos.

Foi o pai incontrastável de uma legião de colegas, que o terão para sempre como referência absoluta.

A partir do primeiro encontro no jornal, acompanhei-o vida afora, de perto. Admirei-o como campeão da escrita enxuta, dos tipos mais humanos que vi, e como titular (de notícias) sem igual.

No encontro que promovi entre os dois, o esfuziante Darcy Ribeiro o saudou, dizendo que seria o escritor número um do Brasil, se tivesse a “concisão” de Wander.

Sem esforço, uma multidão de manchetes feitas por Wander retorna de muito longe: “Samurai da Vasp cai nos grotões de Maria Bonita”, “Fórum fecha, ou toma jeito”, “A esperança muito passageira do Trem do Sertão”.

(Aqui, é forçoso lembrar que o título do livro *Os rios morrem de sede* deveria ter sido – e fui voto vencido – “Bumba, Meu Rio”. Mas, nem todos saberiam que Bumba é o doce apelido do menino filho de Wander, que na pescaria com o pai viu o caudal minguar e quase morrer, de sede).



Quando retornei à minha Montes Claros da infância, pelo fim dos anos 70, a distância mais nos aproximou, anulada pela admiração que sua conduta incomum inspirava, de homem natural no convívio com os semelhantes-dessemelhantes.

Wander distinguia os amigos, e foi constante nas visitas ao sertão para descansar na casa que era do seu gosto despojado.

Amava viver, tanto que nas raras visitas que fazia ao médico pedia desculpas por não ter nada para se queixar, por não sentir doença alguma, nem dores, no corpo vigoroso e na mente privilegiada, apesar do cigarro e do exagero na bebida.

Foi na casa montesclareense, na companhia de Ricardo Eugênio, o “Diadorim” do *Estado de Minas*, que justamente sentiu o primeiro sinal do AVC progressivo que o levaria em 2006, com direito de usar boné no aceno derradeiro.

Nosso último encontro, uma viagem, permanecerá como cerimonial não previsto de uma despedida, de quem não partiu, nem partirá.

Pedi sua companhia para visitar a casa em reconstrução de Carlos Drummond de Andrade em Itabira, assim como o museu do poeta, prestes a ser inaugurado.

Wander aceitou viajar, com alegria.

Na saída de casa, ainda falava com dificuldade, sequela da doença que preservou sua mente, mas dificultou-lhe a fala e, progressivamente, a escrita, isolando-o em casa. O gigante já prisioneiro do próprio corpo.

Ao deixarmos uma BH corrompida de favelas, no campo aberto do caminho, por algum prodígio Wander recuperou a integral capacidade de falar e expressar-se. Admirei a mudança, e chamei a sua atenção. Ele notou que falava de novo sem peias. Mistério.

Viajamos mansamente numa descansada trilha do passado, onde nada deixou de ser lembrado, como se ali inventariássemos a vida, ainda muito cedo para balanços.

Falou, discorreu, avaliou, refletiu, fez de tudo – na ida e na volta, como nos velhos tempos. Apenas ao chegar à cidade de Itabira, por razão que também desconheço, teve novamente passageira dificuldade para se expressar, limitação descartada na viagem de volta.

Ao deixá-lo na porta de casa, ainda na Serra, quando seu corpo levemente pendeu, não sabia que ali nos despedíamos.

Levara debaixo do braço um São Francisco de Assis, do primitivo Assunção, barbeiro centenário, que visitamos.

Fisicamente nos despedimos, apenas.

Recebia dele originais de livros e, com frequência, cartas e e-mails – pois Wander quis driblar o isolamento com ajuda da internet.

Certa vez, me lembro, ao descrever Paulo Lott, ainda nas reuniões informais da Editoria de Polícia do jornal (que o grande Fialho Pacheco chamava ironicamente de “petit comitê”), Wander refletiu, referindo-se a Lott, também cria sua:

— Esse Peclot (resumo de Paulo Emílio Coelho Lott) ocupa o lugar exato no espaço.

Recomponho a frase e revejo o elogio, sincero e preservado, que ela esconde.

O poder de síntese e de sabedoria para descrever o amigo que admirava talvez seja a melhor definição do próprio Wander, o totem que conheci, o intelectual sem afetação, humanista sem placa, gênio cuja natural modéstia dispersava aclamação e reverência.

Desculpai todos, mas Wander foi o melhor.

PAULO NARCISO

ENCONTRO

Foi assim.

Wander era o editor de Polícia do jornal *Estado de Minas* e eu subeditor. Então, ele me pediu que lesse um conto para adultos que havia escrito para o Suplemento Literário do Minas Gerais, no tempo em que foi dirigido por Ângelo Oswaldo. O pedido era um convite.

Wander, nessa época, já havia publicado *A mãe e o filho da mãe*, que a crítica do Rio e de São Paulo julgava um achado. Leio o conto e tomo um susto.

“Você considera isto literatura para adultos?” – pergunto, e ele me olha interrogativo. “Wander, cara, você fez uma estória para jovens, diferente de tudo. Há anos busco algo assim. Deixa eu editar em livro?”

Ele responde: “Faz o que você quiser, mas vamos ser apedrejados. O texto termina com um puta que pariu!”.

E riu o riso dele, tão franco.

Tinha à época a Editora Comunicação, que, no tempo que sobrava da minha deficiência óssea, viveu 12 anos.

Publiquei o livro.

Na semana seguinte, o programa “Fantástico”, da Rede Globo, que tinha um editorial ao fim, sempre lido por Cid Moreira, disse a mesma coisa que eu:

“Está descoberta uma nova literatura para crianças e jovens”.

Edição após edição, Wander está aí, encantando jovens leitores e professores avançados. Minha editora teve de ser vendida, pelos mesmos problemas ósseos.

Voltei a editar, com o Armazém de Ideias, e, mesmo tendo descoberto muitos outros talentos, não descobri nenhum à altura de Piroli.

ANDRÉ CARVALHO

Da esquerda para a direita: Wander Piroli, Marco Octavio Teodoro,
Sérgio Augusto e Plínio Barreto.

Acervo de família





MESTRE DE ÉTICA E DIGNIDADE

Uma das facetas menos conhecidas do Wander Piroli é a de professor. Até porque foi uma passagem rápida, quase um acidente de percurso. Na época, ele era editor de Polícia do jornal *Estado de Minas*, e a decisão de ensinar no curso de Jornalismo surpreendeu até os amigos mais próximos, pois a universidade era das vítimas preferenciais da irreverência e da ironia do Piroli, avesso a instituições e formalismos.

Apesar da nítida má vontade para com a função, ele era “o mestre”. Conversar com ele já era uma aula. Ninguém estava preocupado com técnicas de jornalismo. O que todos queriam mesmo era conhecer as histórias daquele homem vivido, experiente, um gigante aos olhos de quem apenas engatinhava na profissão. Em plena ditadura militar, os bons jornalistas viviam perigosamente. E nós sabíamos o quanto Wander Piroli era bom nesse ofício.

Foram horas de muita conversa, de casos contados na sua linguagem peculiar e saborosa, e nem sempre na sala de aula. Quando possível, a conversa acontecia à mesa de um bar. Exigências como diário escolar, provas, notas, eram de arrear. Se desse, ele passava por cima dessas chatices com a maior tranquilidade. Para horror dos funcionários, só entregava à secretária o que fosse inevitável. E sempre com atraso.

O campus da Universidade Católica fica longe do centro da cidade, no bairro Coração Eucarístico. O ônibus, sempre muito cheio, gastava quase uma hora até lá. Uma alternativa era passar na redação do *Estado de Minas*, no final da tarde, e pegar carona no carro do Piroli. Para esses afortunados, a aula começava mais cedo, com direito a uma dose de cachaça, camuflada em xícara de café, ainda na redação, e a uma parada obrigatória em qualquer bar ao longo da Avenida Amazonas. Em primeira mão, a gente ficava sabendo dos bastidores das notícias que saíam no jornal no dia seguinte.

A editoria de Polícia do *Estado de Minas* era diferente. O Wander conseguiu fugir do estigma da falta de prestígio que tradicionalmente acompanhava os repórteres desse setor. Sob a sua batuta, surgiu um grupo que se impôs na profissão pela qualidade do texto e, principalmente, por deixar

bem claro que, na página de polícia, nem sempre o bandido é o vilão.

Esse homem tinha muito mais que ensinar do que *lead* e *sublead*. Era um caldeirão de emoções, rebeldia, amores e raivas, em permanente fervura. Com ele, aprendíamos notícia e o que existe por trás da notícia, que são as coisas do mundo e das pessoas. O que queríamos saber dele extrapolava os limites de uma sala de aula. Estávamos mais interessados na malícia do jogador de sinuca, na sabedoria de quem frequentou a zona boêmia, nas experiências que forjaram o jornalista e o escritor.

Sempre foi uma contradição ambulante. Cultivava uma imagem de abrutalhado, durão, mas transbordava doçura e sensibilidade. A informalidade característica contrastava com o texto refinado, enxuto, preciso. Aparentemente misógino, era um sedutor, e encantou muitas mulheres. Irônico, perspicaz, deixava subentendida sua descrença no ser humano. Mas amizade e companheirismo eram palavras de ordem no seu dia a dia. Esse jornalista que não gostava de ser professor ensinou muita gente a gostar da profissão. E a respeitá-la. Mais do que técnicas de jornalismo, com ele aprendemos a viver.

Ao final, Piroli foi um mestre de ética e dignidade.

GLÓRIA VARELA

SEBASTIÃO MARTINS
é jornalista.

A MÃE E O FILHO DA MÃE

CONTO DE WANDER PIROLI

Se não tivesse esquecido a chave, havia pelo menos a chance de entrar sem que a velha mãe acordasse. E quando mais tarde ela dissesse: “Você está chegando agora, Luiz?”, ele responderia tranquilamente: “Não, mãe. Eu estou aqui escrevendo há muito tempo”.

Fora inútil pular o portão, para que ele não ragesse na madrugada vazia, e caminhar pisando o chão do quintal com excesso de zelo. Agora estava diante da porta, imbecil e ainda um tanto bêbado, embora já tivesse posto tudo para fora.

Mais uma vez bateria na janela do quarto. E a velha mãe se levantaria lentamente, passaria a mão engelhada no soalho em busca dos chinelos e, encolhida dentro da imensa camisola branca, viria abrir a porta. Merda. Prometera-lhe chegar mais cedo e ao sair de casa estava certo de que afinal cumpriria a palavra. Pensara inclusive que era um ótimo plano ficar em casa, de vez em quando, com a velha conversando calmamente sobre velhas coisas. Rosália lembrara várias vezes que estava ficando tarde, e ele dissera “já vou” e tomava mais um gole: era também muito bom plano ficar deitado de cueca no soalho, com o copo e Rosália ao alcance da mão.

A madrugada estava fria e agora o vento começava a estalar o zinco da coberta. Antes de olhar o céu – escuro e baixo – sentiu o cheiro da chuva que se aproximava. Ergueu a gola do paletó e pensou em ir ao tanque lavar a boca. Mas ouviu a cama ranger e logo a voz da velha mãe, rouca, chamá-lo:

— É você, Luiz?

— Sou eu, mãe.

— Esqueceu a chave?

Sim, disse consigo mesmo.

— Você esqueceu a chave? – repetiu a velha.

— Mãe, não fica aborrecida não.

Desde a primeira vez havia dito esta frase, e vinha repetindo-a com mais frequência nos últimos meses.

— Levanta devagar – recomendou o filho – e calce os chinelos.

A chave porém tinha sido introduzida na fechadura.

— Pode empurrar que eu já abri – disse a velha mãe.

— Vai deitar primeiro, aqui fora está um vento danado.

Não percebeu o ruído dos chinelos arrastando-se na direção do quarto. A senhora levantou descalça, disse em pensamento.

— Você falou que não demorava – observou a mãe lá do quarto, quando ouviu a porta fechar-se novamente.

O filho não disse nada. Acendeu a luz da sala, pôs o paletó na cadeira, tirou a gravata e com ela na mão entrou no quarto da velha mãe e sentou na beirada da cama. A velha estava deitada de lado, com os cabelos brancos espalhados na fronha, enquanto os olhos miúdos piscavam dentro das pálpebras arruinadas. A luz da sala iluminava metade do quarto, metade da cama.

— A senhora não devia levantar descalça – disse o filho pousando-lhe a mão na fronte. – O tempo está muito ruim.

A velha mãe sacudiu a cabeça:

— Tira esta mão gelada daqui. – E segurou-lhe imediatamente a mão, levou-a aos lábios e beijou-a.

— Luiz – começou a velha.

— Não, mãe – disse o filho retirando a mão vergonhosa.

— Você disse que vinha cedo.

— Pois é. Esqueci que era sábado.

— Ontem não era sábado.

O filho calou-se.

— Isso não é vida, Luiz – continuou a velha mãe.

— Eu sei. Mas não quero que a senhora fique preocupada. Nós vamos acabar com isto, nós dois.



Carlos Wolney

A velha ergueu um pouco a cabeça do travesseiro para vê-lo melhor. O filho desviou o rosto.

— Você está bêbado, Luiz?

— Oh, mãe. É claro que tomei alguma coisa. Mas nós vamos acabar com isto também.

— Você já prometeu tantas vezes.

— Agora é diferente – tornou o filho com o rosto ainda voltado para a parede. – E a senhora vai me ajudar. Nós dois, não é, mãe?

A velha não respondeu. A essa altura, porém, ele já podia supor que seus olhos estivessem úmidos, e a sensação desagradável de sempre lhe galgava o peito. Teve vontade de aproximar-se da cabeceira e beijá-la, como costumava fazer antes, ou então pousar a mão muito de leve na sua cabeça; deixar apenas a mão, sua sórdida mão, naqueles cabelos de neve.

A velha mãe dormiu depressa, a boca muito murcha, o rosto em paz. Ele ouviu nitidamente os primeiros pingos de chuva no telhado.

Levantou-se, tirou o sal-de-fruta do guarda-louças, pôs um pouco na concha da mão esquerda, coma outra encheu meio copo d'água, jogou o sal na água e tomou-a de um trago. Acendeu um cigarro e em seguida encostou a porta do quarto da velha mãe. Já deve ser bem mais de três horas, pensou, e embora sentisse o corpo moído, tinha experiência suficiente para saber o que aconteceria se tentasse dormir agora.

Tirou maquinalmente o maço de papéis da cômoda com a mesma inutilidade como que já o fizera tantas e tantas vezes, e sentou-se à mesa da sala. As palavras embaralhavam-se, as linhas dançando. Desviou os olhos na direção da janela, mantendo-os muito abertos, e ficou prestando atenção ao ruído da chuva lá fora.

A chuva descera rápida, violenta, e batia pesadamente nas telhas e estalava e gemia o zinco da coberta do tanque. Antes que tivesse consciência das coisas que deveria fazer, já estava de pé e dirigiu-se para o quarto da velha mãe.

— Luiz.

— Uai, mãe, pensei que a senhora estivesse dormindo. Espera aí que eu vou puxar a cama.

— Mas que chuva. – A velha levantou a cabeça do travesseiro.

O filho arrastou a cama até junto ao guarda-roupa, para evitar a goiteira que costumava cair nos pés da cama.

— Luiz, põe também o pano aqui no chão e as latas na cozinha porque senão amanhã fica tudo alagado.

Obedeceu, como se cumprisse um antigo e permanente ritual. Parou depois perto do leito:

— Pronto, mãe. Agora a senhora trate de dormir.

— Você não vai deitar também?

- Daqui a pouco.
- Já é muito tarde, Luiz. Eu achava melhor você ir deitar de uma vez.
- Estou sem sono e quero ver se aproveito para escrever um pedaço.
- Deixa pra amanhã, meu filho. Você devia fazer essas coisas sempre de manhã, por causa dos olhos.

— Está bem. É só um pouco, e logo depois eu deito.

A velha ajeitou-se debaixo da coberta, não adiantava insistir. E agora, enquanto o sono não viesse de novo, teria algum tempo para pensar no filho, na vida que o filho levava ou na vida que levava o filho.

Ele voltou para a sala e olhou o maço de papéis em cima da mesa. Porcaria, disse para si mesmo. Há dois meses estava empacado naquela cópula e a coisa lhe verrumava os miolos e, por mais que se esforçasse, não conseguia que os dois fizessem o amor com verdade. E tudo se passava também numa noite de chuva, havia inclusive cheiro de chuva através da janela, e isto constituía uma boa base, mas a história não convencia. Um trovão rebentou súbito, e o estrondo repercutiu na casa.

- Luiz.
- Estou aqui, mãe. A senhora levou susto?
- Não. Eu estava acordada e vi antes o relâmpago.
- Vou levar um copo d'água pra senhora.
- Precisa não.
- Eu levo, mãe.
- Pode deixar que eu não quero. Você se assustou?
- Não.

A luz da sala piscou duas vezes como se fosse apagar. O filho levantou-se.

- Você está procurando a vela?
- Não, mãe, mas vou aproveitar para deixá-la de mão. Pode dormir sossegada.
- Luiz, vem cá.
- Sim.

Encontrou a velha sentada na cama.

- Eu não estou lembrada de ter guardado o frango na coberta.
- Deve ter guardado – disse o filho.
- Estava pensando nisso, Luiz. Fiz tanta coisa hoje de tarde que não me lembro.
- Aposto que a senhora guardou.
- Também acho, mas estou procurando lembrar. Você já imaginou se ele estiver fora nesse aguaceiro?
- Ele está debaixo da coberta, pode dormir sossegada.

O filho esperou a mãe ajeitar-se, atravessou o quarto, passou pela cozinha e foi à privada, que dava para a coberta. Abriu a janelinha: o quintal estava escuro e a chuva continuava caindo intensamente. Sentou-se no vaso, apoiando as costas na parede. Experimentou fechar os olhos e viu até que ponto ainda estava sob efeito da bebida. O cubículo fazia-o sentir-se pior. Apressou-se e, retornando, deu com a velha novamente sentada na cama.

- O que é mãe?

- Não tem jeito de lembrar se guardei o frango.
- A senhora guardou.
- Se guardei, quando você passou pelo quintal deve ter visto se ele estava amarrado lá.

Vira-o sim, mas durante o dia. Um frango carijó, magrelo, amarrado pelo pé, com barbante, num dos moirões da cerca.

- Será que você viu?
- Não reparei, mãe. Estava muito escuro.
- É mesmo.

Sempre a velha comprava na véspera o frango do domingo e atava-o naquele moirão e, à tardinha, guardava-o debaixo da coberta.

- Sabe, Luiz – tornou a velha. – Estou achando que não guardei ele não. O filho não disse nada.
- Acho que esqueci.
- Esqueceu não, mãe.
- Você acha que não?
- A senhora nunca esquece.

A chuva persistia e o barulho das goteiras caindo nas latas da cozinha entrava pelo quarto.

- Coitado – continuou a velha.
- Por que vamos comê-lo no almoço?
- Não. Estou dizendo se ele ficou lá.
- Ora, mãe, a senhora guardou o frango.
- Será que eu guardei mesmo?
- Com toda certeza.
- Tenho pena dele, Luiz.
- Está bem, eu vou lá ver.
- Não, meu filho. Você não pode ir debaixo dessa chuva.
- Eu pego o guarda-chuva.
- Deixa ficar. Aqui dentro está quente.

O filho voltou à sala, pôs o paletó na cabeça e abriu a porta vagarosamente. Sentiu o ar frio e úmido da madrugada no rosto. Avançou com cuidado no chão lamacento. Curvou-se no escuro perto do lugar onde supunha estar a cerca. Agachou-se mais e pôs-se a tatear o chão. Esbarrou em algo molhado, inerte. Percebeu logo o contato das penas e através delas a melhor parte do que seria o almoço do domingo. Arrancou rápido o barbante da cerca e, antes que pensasse e depois dissesse “puta merda”, já havia atirado o frango por sobre o telhado da cozinha, no lote baldio.

- Então, Luiz? – perguntou a velha.
- Ele está lá – disse o filho jogando o paletó ensopado debaixo da pia.
- Ainda bem – disse a velha. – Você já pensou se ele tivesse ficado na tempestade?
- Pois é. Agora a senhora trate de dormir.
- Deus te abençoe. Luiz – disse a velha.

O filho apagou a luz da sala, foi para o quarto, tirou os sapatos enlameados, sentou na cama e ali ficou até fazer de novo 25 anos.

CRIADOR DE PÉS RASPADOS E JOÕES-NINGUÉM

REGIS GONÇALVES

Admirando-o, mas sem nunca ter tido a oportunidade de me sentar com Wander Piroli a uma mesa de boteco e ouvi-lo discorrer sobre tudo com humor e sabedoria, como só ele sabia fazer – assim atestam discípulos e admiradores que gozaram desse privilégio –, curiosamente o destino me reservou um encontro insólito, cara-a-cara, com aquele que passou então a figurar na galeria de meus tipos inesquecíveis. O encontro aconteceu dez anos atrás quando fui, como repórter, procurá-lo em sua casa.

Camisa estampada e chinelos, ele nos recebeu na porta de serviço (o trinco da sala supostamente estragado). Sorriso e gestos largos, abraçou-nos, efusivo. “Vão ter que entrar pela cozinha.” Alto e forte, a pele tostada de sol, Wander Piroli ostenta excelente aparência. Estávamos no apartamento da Serra onde ele vivia ao lado da mulher, Aparecida, sua companheira de cinco décadas, a quem ele chamava carinhosamente de Nega. Com ela teve três filhos, que lhe deram seis netos.

Seguimos, o fotógrafo Cristiano Mariz e eu, até a sala, onde ele anunciou: “Não vou dar a entrevista”. Pensei que fosse brincadeira. Wander continuava sorrindo, simpático. Eu fora encarregado de fazer uma reportagem com seu perfil, a propósito da passagem dos 70 anos de idade que ele completava naquele dia. Uma justa homenagem a um dos mais importantes escritores mineiros e também ao jornalista que deixou a marca de seu talento e de sua integridade em quase todas as redações de Belo Horizonte. “Dificuldade para falar”, balbuciou, sempre sorrindo. Percebi então que era para valer, a pauta tinha caído.

Velho rato de jornal, Wander Piroli sabia o que significa voltar de mãos vazias para a redação. “Preparei algumas coisas”, me disse, apontando um maço de papéis, talvez a título de escusa. Depois que nos sentamos, Wander contou que sofrera uma isquemia cerebral. A doença deixou, como sequelas, a dificuldade da fala. Argumentei que dava para entendê-lo, afinal, não estávamos conversando? Ele foi inflexível, só se sentia capaz de emitir frases curtas. “Curto e grosso”, emendou.

Como nos seus contos, pensei. Piroli é conhecido como um escritor de sintaxe enxuta, seca. Daí a contundência de seu texto, no qual não cabem as perfumarias de estilo. Esse despojamento marca também a personalidade de um homem fiel às suas origens, que fez do universo de sua infância e do submundo dos excluídos e marginalizados o tema preferencial de sua arte. Uma arte maior, conforme atestam tantos escritores e críticos.

Num texto autobiográfico, Piroli escreveu: “Nós morávamos na Lagoinha, um bairro safado, de características muito especiais, que começava na praça Vaz de Melo (que chamamos de praça da Lagoinha), uma praça incrível, e terminava na pedreira Prado Lopes. Pessoas de boa família evitavam tanto a praça quanto a pedreira, que, como eu já disse, abasteciam com sobra o noticiário policial dos jornais. Um reduto de marginais, bêbados, vagabundos, criminosos – diziam”.

Para o escritor e crítico Fábio Lucas, “Wander Piroli é um dos nomes mais importantes do chamado conto mineiro, que em determinado período passou a ser paradigmático no Brasil. Sempre foi inclinado para uma temática fortemente crítica da injustiça social. Ele é inigualável para a descrição da tortura física e mental das delegacias de polícia. Talvez por ter sido repórter policial, aprendeu bem o jogo arbitrário e cruel do poder”. O próprio Piroli disse certa vez: “A condição operária de minha família, o azeite Bertolli, o bairro da Lagoinha (que até hoje carrego no peito), o tio Toninho, a cidade, enfim, influíram no tipo de literatura que estou tentando fazer”.

Contudo, Fábio Lucas, que incluiu dois contos de Piroli na antologia *Contos da repressão* (1987), que organizou para a editora Record, assegura: “Não o considero um autor realista, seu realismo é fenomenológico. Não a cópia do real, mas o real da linguagem”. O escritor Manoel Lobato lembra como conheceu Wander Piroli, em 1965. “Fomos apresentados três vezes, na terceira reclamei: ‘Já nos conhecemos’. Ficamos amigos. Ele é do tipo solidário, capaz de partilhar o sofrimento do semelhante. Uma pessoa extraordinária.”

SUPLEMENTO

No *Suplemento Literário de Minas Gerais*, de onde se demitiu depois de ver censurada uma edição, Piroli costumava dizer que tinha horror a escritores que apregoam que fazer literatura é um ato de amor. “Para mim, é a vida que vale”, definia ele, segundo Lobato. Editado e reeditado em todo o Brasil, com traduções de seus contos incluídas em antologias de diversas línguas e países, Wander Piroli não tem merecido, ultimamente, o reconhecimento devido à qualidade de sua literatura. Uma nova edição de seu *A mãe e o filho da mãe* tinha saído no ano anterior pelas edições Corisco, de Teresina, Piauí. Na gaveta, ele tinha 20 inéditos, entre contos, crônicas, histórias infantis, memórias e até poesia.

Técnico em contabilidade (“apesar do diploma, só entendo de débito”), Piroli fez depois o curso de direito “para agradar ao meu pessoal”

e advogou (“com o perdão da palavra”) durante quatro anos, principalmente na Justiça do Trabalho. “Não consegui resolver o problema dos empregados nem o meu, que era sustentar a família. Caí então em jornal”, escreveu. O jornalista, e depois seu editor, André Carvalho, então repórter do semanário *Binômio*, conta como se deu essa estreia. “O diretor, José Maria Rabelo, pegou um advogado que nunca entrara na redação e o pôs como editor do jornal, então em sua melhor fase. Foi um achado, Wander fazia coisas que nós, jornalistas, não tínhamos coragem de fazer. Ele era um grande inovador, por exemplo, na redação de títulos. Considero o Wander um dos maiores tituladores do jornalismo brasileiro.”

Rabelo confirma a história. “Ele trabalhava como advogado no Departamento de Terras e Matas da Secretaria da Agricultura, mas tinha feito uma reportagem maravilhosa no aniversário de Hemingway, que ele conhecia muito bem, reconstituindo a trajetória do escritor norte-americano a partir de textos dele próprio. Na ocasião, Última Hora tinha chegado aqui, fez uma reforma geral e levou todo o nosso pessoal. Estávamos numa situação muito difícil, o jornal tinha sido empastelado, então me lembrei do Wander e lhe propus o desafio: quero que você assuma a redação.”

Segundo Rabelo, Wander vacilou, mas decidiu-se: “Se você me ajudar, eu aceito”. “Era um louco fazendo uma proposta e outro louco aceitando”, lembrou-se Piroli, depois. Mas em pouco tempo ele cumpriu a profecia de Rabelo, de que seria o melhor editor de Minas Gerais. “Ele era meio anárquico, não aceitava normas de redação, mas o Fernando Mitre [hoje diretor de jornalismo da Rede Bandeirantes] credita ao seu aprendizado com Wander Piroli o sucesso de sua carreira e muitas das inovações introduzidas por ele e seus companheiros de redação no Jornal da Tarde, em São Paulo”, diz Rabelo.

Mais tarde, o jornalista Gilberto Menezes, que também trabalhou com Wander Piroli, se tornaria seu amigo. “Trabalhamos juntos no *Estado de Minas*, fazendo copidesque ao lado do Ronaldo Brandão, vindo depois para a equipe o André Carvalho. Wander sempre me ensinou profissionalmente, sempre me mirei no texto dele, um exemplo de simplicidade e criatividade. Ele é um inovador em tudo o que faz, uma fábrica de ideias. Era maravilhoso trabalhar ao lado dele.”

O também jornalista e escritor Luís Otávio Madeira Horta não poupa adjetivos quando fala do amigo. “Wander é o carinho especial da minha vida. É um dos caras que mais têm o sentido humano da literatura, que tentou trazer para o cotidiano e de uma maneira tão afetiva que poucos conseguiram. Além de escritor, é um humanista completo. É o cara que inaugurou a literatura popular de qualidade no Brasil. É um dos maiores escritores do século.”

Horta conta que, na década de 1960, trabalhou com Piroli no *Última Hora*, onde se iniciou profissionalmente. “Wander já tinha noção da notícia humana, era capaz de notar no fato jornalístico um teor literário. A escola dele foi o *Binômio* e seus mestres, José Maria Rabelo e Euro Arantes, por quem ele tem verdadeira paixão. Wander é maravilhoso. É um dos melhores escritores do Brasil, mas muito modesto, se retirou porque não pode mais falar, nem beber... o que é pior.”

A MÃE E O FILHO DA MÃE

Wander Piroli surgiu para a literatura com o livro de contos *A mãe e o filho da mãe* (1966). “Não gostei do título, achei que ele desvalorizava o conteúdo por um trocadilho meio populista, mas me encantei com o livro e escrevi sobre ele várias vezes. Wander já tinha aquela preocupação da segurança da linguagem e da tensão dramática do diálogo”, opina Fábio Lucas.

O crítico, que o conhecera quando trabalhavam juntos no escritório de obras do *campus* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na década de 1950, relembra: “Wander é uma de minhas paixões, éramos iniciantes e nossos passos seguintes foram paralelos. Lá trabalhava também outro escritor talentoso, Gaspar Garretto, que tendia mais para uma prosa na linha de Faulkner, enquanto o Wander, para a linha de Hemingway”.

Amigo do escritor paulista João Antonio, muitos chegaram a comparar Wander Piroli ao autor de *Malagueta, perus e bacanaço*. Eis o que acha Fábio Lucas: “Eles podem ter pontos em comum pela exploração da marginalidade social, mas o que os difere primeiro é a ambientação. Os textos do Wander têm um sentido belo-horizontino e uma herança da psicologia rural que não existem no João Antonio”.

Manoel Lobato opina: “Os dois eram meio parecidos, eram tidos como boêmios, frequentadores de botequins, e a idade os aproximava. Eles expressam certa visão de mundo, mas escrevem de forma diferente: João Antonio usava muita gíria, palavreado de malandro, de jogador de sinuca, e o Piroli tem um vocabulário mais elaborado. Mas ambos são defensores dos pés-rapados, dos zés-prequetés, dos salários mínimos, dos joões-ninguém”.

HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

Mário Garcia de Paiva é outro admirador de Wander Piroli: “Considero-o um dos melhores contistas do Brasil, insuperável no diálogo. Não vou destacar nenhum livro, mas ele tem muito senso de humor, não diz tudo nas suas histórias, deixando ao leitor a interpretação e as conclusões”. Para Garcia de Paiva, “Wander tem muita sensibilidade para os temas infantis e foi quem introduziu o palavrão na literatura infantil brasileira. Mas foi apenas um palavrão, mesmo porque nos temas adultos ele não é de usar palavrões”.

A história era *O menino e o pinto do menino*, e André Carvalho explica como nasceu um dos livros infantis mais bem-sucedidos da literatura brasileira. “Wander tinha escrito um conto com esse nome e me mostrou para ler. Fui tomado por uma forte emoção, me vieram lágrimas nos olhos. Eu já tinha a editora Comunicação e pedi a ele para publicar como livro infantil. ‘Você descobriu um novo filão’, disse a ele, que retrucou: ‘Você está doido, isso aqui tem puta que pariu, critica a educação’. Mas topou e o livro saiu”. Segundo André Carvalho, vendeu três mil exemplares em seis dias, só no Rio de Janeiro, e rendeu um editorial no programa Fantástico, da Rede Globo.

“Depois vieram *Os rios morrem de sede*, Macacos me mordam e *Os dois irmãos* e ele se transformou no mais importante escritor de literatura infantil do país. Ano passado editei um livro primoroso dele, *Nem filho educa pai*. Ele conseguiu fazer uma literatura infantil sem tatibitate, que pai e mãe leem com igual satisfação”, completa Carvalho.

Este texto foi publicado em 2001 e está incluído no livro “Retratos erráticos” (Oiti, 2010).

REGIS GONÇALVES

mineiro de Santa Bárbara, formado em Ciências Sociais pela UFMG, é jornalista e escritor.

USE A MÃO DIREITA E DIGA

CONTO DE WANDER PIROLI

MUITO OBRIGADO

Jorge deu dois motivos excelentes para ser abatido à bala pelo Domingos. Primeiro: quando foram apresentados, não lhe estendeu a mão direita. Segundo: convidado a ir à casa de Domingos, foi lá e não bebeu nada. Tudo seria simples, sem maior importância, entre duas pessoas que, 24 horas antes, jamais haviam se visto.

Domingos era mais ou menos casado com Marlene. Isto é, moravam juntos havia mais de um ano num barraco do Anchieta. Desde que conhecera Marlene, ele mudou completamente de vida. Todos, na parte nobre do bairro, esqueceram sua fama de desordeiro, estopim curto e boêmio. Aposentou o revólver, virou outra pessoa.

Naquela sexta-feira, Domingos chegou em casa com sua pasta de pedreiro. Marlene lhe disse que vira Janisela, sua grande amiga de infância e juventude no interior. Conversaram sobre os velhos tempos etc. Janisela também tinha um companheiro, Jorge. Marcaram um encontro no Bar do Piru.

— Os dois estão nos esperando lá pelas oito.
— Então dá tempo.
— Tempo de quê?
— Uai, de tomar banho – disse Domingos.
— Vai tomar logo o seu banho, homem.
— Só se for agora – Domingos tirou a camisa. Marlene riu, vendo-o entrar rápido na privada.

Às oito da noite em ponto, Domingos e Marlene entraram no Bar do Piru, já lotado de gente. Ela avistou logo Janisela e seu companheiro sentado numa mesa no meio do salão. As amigas se abraçaram exageradamente e fizeram apresentações. Jorge estendeu a mão esquerda para Domingos, que não a apertou. Jorge justificou-se, dizendo que estava com o cigarro na mão direita.

Marlene percebeu que Domingos não simpatizara com Jorge (aliás, uma antipatia mútua) e teve a certeza de que sua amiga Janisela tivera a mesma impressão.

Ambos não se olhavam, como se o outro não existisse.

— Vamos começar tudo de novo – propôs Janisela, alegre, para ver se melhorava a situação.
— Isso mesmo – emendou Marlene. – Vou te apresentar o Domingos.
— E eu vou te apresentar o Jorge – disse Janisela.

Os dois se cumprimentaram com um aceno de cabeça. O mal-estar parecia superado. Sentaram-se. As pessoas, nas outras mesas e se acotovelando no balcão, falavam alto, bebiam, fumavam.

— Estou pensando numa coisa – disse Marlene, segurando o seu copo de cerveja. – Aqui está muito barulhento, e Domingos tem uma cachaça muito boa em casa. Verdade?

— Mais ou menos – concordou Domingos.
— Uma ótima idéia – disse Janisela. – A gente acerta a conta e se manda. É bem melhor, não é, Jorge? Aqui está muito tumultuado.

Compraram um quilo de linguiça, oito pãezinhos de sal, quatro cervejas. Como no bar, a despesa foi rachada pelos homens. Saíram caminhando pelas ruas movimentadas do bairro. As duas amigas iam na frente, de braço dado, conversando, lembrando coisas passadas. De vez em quando, olhavam para trás. Domingos e Jorge seguiam-nas, calados e carregando os embrulhos.

Marlene pôs logo uma frigideira com óleo e água no fogão, enquanto Janisela lavava a linguiça na pia. Depois de guardar as cervejas na geladeira, Domingos pegou na prateleira o litro sem rótulo e quatro copos. Esperou Marlene estender uma toalha xadrezada na mesa. Colocou um disco de Nelson Gonçalves na radiola. Os quatro sentaram-se.

— Esta cachaça deve ser boa mesmo – disse Janisela tirando o sabugo da garrafa e cheirando o líquido com êxtase. – De onde é?
— Perto de Pimenta – disse Domingos.
— Não conheço Pimenta – disse Janisela.
— Domingos só toma aguardente de primeira – disse Marlene.
— Você viu o cheiro, Jorge? – disse Janisela.
— Convém abrir uma cerveja? – perguntou Marlene.
— Você é quem sabe – disse Janisela. – Jorge e eu vamos tomar antes uma cachacinha.

Olharam para Jorge, que continuava em silêncio, ausente, com seu bigodinho fino e cabelo colado na cabeça. Domingos serviu os quatro copos. Marlene propôs um brinde. Todos tocaram os copos. Mas Jorge deixou novamente o copo na mesa sem provar a bebida. Domingos virou o seu de uma vez e, um pouco contrariado com a atitude de Jorge, entornou outra dose no seu copo.

A linguiça começou a estalar na frigideira. As duas mulheres levantaram-se quase ao mesmo tempo. Estavam realmente satisfeitas por



Carlos Wolney

terem se encontrado depois de tantos anos. Janisela sabia que também Jorge ia gostar, embora não compreendesse sua conduta. “É só questão de tempo”, pensou.

Domingos tomou outra dose, cansado de esperar que Jorge usasse o seu copo. Este continuava calado. Janisela pôs mais água na linguça. Marlene cortou os pães em pedaços em cima da tábua de carne, colocou-os na cesta. Ao trazê-la para a mesa, notou que Domingos renovara a cachaça e Jorge não tocara no copo.

— Vou abrir uma cerveja – disse ela.

— Depois que ele tomar pinga – disse Domingos.

Janisela olhou para trás, procurando sorrir, mas preocupada com o tom de voz de Domingos.

— Um pouco de cerveja antes vai sempre bem – tornou Marlene, abrindo a geladeira.

— Fecha a geladeira – disse Domingos.

Com a geladeira ainda aberta, Marlene estranhava o seu companheiro. Janisela parara de sorrir, o garfo na mão.

— Quero que ele tome primeiro a cachaça – tornou Domingos.

Marlene Tirou uma garrafa da geladeira. Domingos não deixou que ela abrisse.

— Primeiro a cachaça – disse.

— Bebe um gole, Jorge – ponderou Janisela.

Os três ficaram na expectativa, olhando o copo sobre a mesa. Jorge levantou-se:

— Vamos embora.

— Pode ir, mas tome a cachaça antes – disse Domingos.

Jorge pegou Janisela pelo braço. Domingos jogou-lhe na cara a bebida, as duas amigas interferiram.

— Acho bom a gente ir – disse Janisela, apressada, para Marlene. – Depois te procuro.

— Desfeita eu não aceito – disse Domingos –, ainda mais de um fresco.

— Não fale assim – disse Marlene.

Janisela arrastou Jorge pelo braço. Os dois saíram e ouviram duas vozes discutindo em altos brados, uma garrafa espatifando no chão. Nem bem haviam caminhado uns trinta metros, Jorge sentiu o primeiro tiro nas costas.

MAS OS RIOS REVIVEM CHORAM

FERNANDO BRANT

Era uma manhã clara de inverno, como costumam ser os dias dessa estação em nossa cidade. O céu era de um azul intenso, sem nuvens. Eu acordara animado, já me divertira com minhas queridas pequenas filhas. Peguei na estante um livro que comprara recentemente, *Os rios morrem de sede*, de Wander Pirolí. Fui quentar sol na varanda.

Trazia, junto com o livro, um pequeno cálice e uma garrafa de cachaça, envelhecida 20 anos, uma das duas unidades que ganhara em uma viagem a Caratinga. Não sou, propriamente, um bebedor de aguardente, mas às vezes, com moderação, eu encaro uma caninha mineira.

Comecei a ler aquela história de um pai que resolve levar o filho para uma pescaria no Rio das Velhas, repetindo a mesma aventura que tivera, quando menino, com o avô da criança de hoje. A satisfação do adulto com a volta ao passado só não era maior do que a excitação do garoto de coração acelerado, que mal conseguiu dormir naquela noite. Era o mesmo

deslumbramento de um outro personagem do mestre Pirolí, aquele que ganhou na escola um filhote de frango e o levou para casa. *O menino e o pinto do menino*, delicioso e sensível relato do escritor da Lagoinha.

Na madrugada eles acordam, pegam a mochila com os apetrechos e alimentos e se vão no rumo da estação de trem. Não vou contar aqui toda a história, ainda mais que acabo de saber que este e outros livros do Wander vão ser reeditados. Quero falar é da emoção que tomou conta de mim, degustando palavra por palavra, sentindo-me participante daquele roteiro sentimental e da frustração que, aos poucos, se apoderou do narrador e seu filho.

O rio do passado, com suas águas claras e seu leito piscozo não existia mais. Não havia o que pescar, não havia o que ver. Só sujeira e lama, assoreamento e esgoto. Pude ver, como cinema, em pensamento, o rosto do autor, que, na época conhecia pouco mas já admirava muito.

Lembro-me de que fiquei arrepiado ao fim do livro e de dois cálices que eu sorvera lentamente. Levantei-me da cadeira com uma ideia fixa.



Carol Reis

Fernando Brant, Wander Piroli e Jairo Anatólio Lima

Queria agradecer a quem escrevera o livro tão belo pelos momentos bons que me dera.

Ainda faltava quase uma hora para o almoço caseiro. Peguei a outra garrafa do líquido que tanto me agradara, saí para a rua e peguei o ônibus para o centro da cidade. Segui até a redação do *Estado de Minas*, cheguei em frente à mesa do Wander, entreguei-lhe a pinga e lhe falei do motivo do presente. Ele não deve ter entendido nada, na hora, pois eu logo me despedi, tomando o rumo de minha casa.

Voltando ao Brasil, depois de 10 dias de viagem, abro o jornal e leio duas notícias. Uma boa: com a construção da nova estação de tratamento de esgotos, poderemos, em três anos, voltar a nadar e pescar no Rio das Velhas. A outra, tristíssima, é que o grande Wander Piroli nos deixou.

O rio já não morrerá de sede. Mas está chorando.

(Crônica publicada no jornal *Estado de Minas* em 2005)

FERNANDO BRANT

é compositor e cronista. Como escritor, publicou *Mercado Central* (Conceito, 2004), *Clube dos Gambás* (Record, 2004) e *Maria, Maria* (Dubolsinho, 2005).

Cada um deve

cumprir

a sua parte

Wander Pirolí

Papai está morrendo. Tem dois

dias que ele está morrendo.

O médico errou no seu cálculo,

anteontem, ao garantir que não

passaria daquela noite. *Mas*
a culpa não é do médico.

Sentado na sala iluminada, eu

vejo uma fatia da cama

no quarto. Papai não geme mais.

Apenas respira. E sua respiração

descompassada enche os vazios

da casa em silêncio.

Estou atento aqui na sala, e

papai cumpre a sua parte

no quarto. Os outros membros

da família, depois de dois dias

de vigília, foram dormir.

Penso neles com certa piedade.

Vejo o rosto de cada um

no escuro, com os olhos muito

abertos. Tomara que consigam.

É provável que tenham dormido.

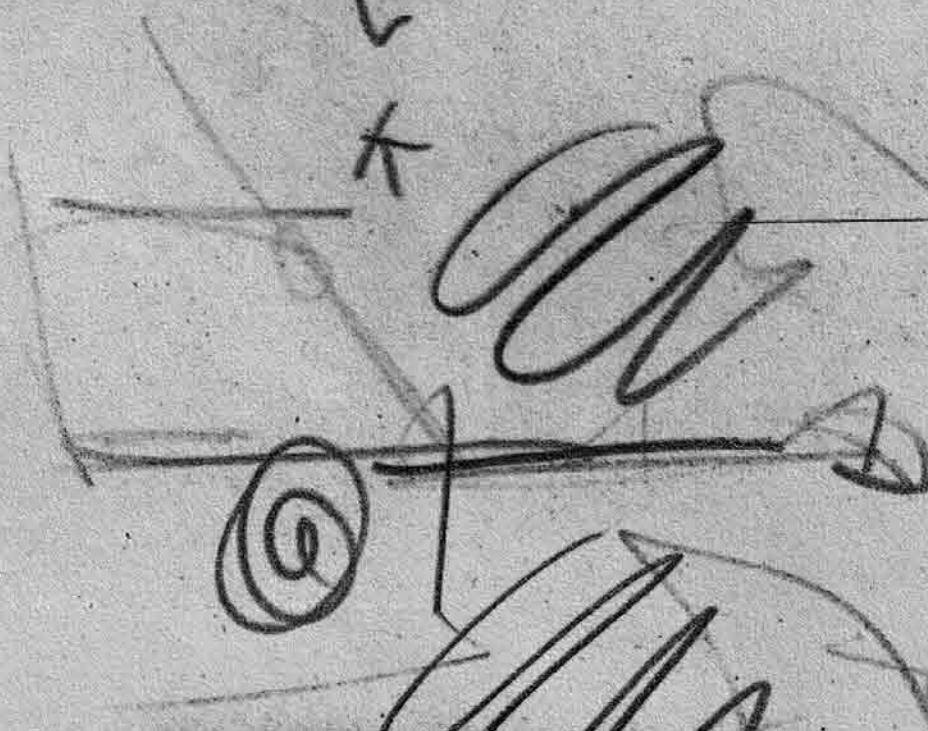
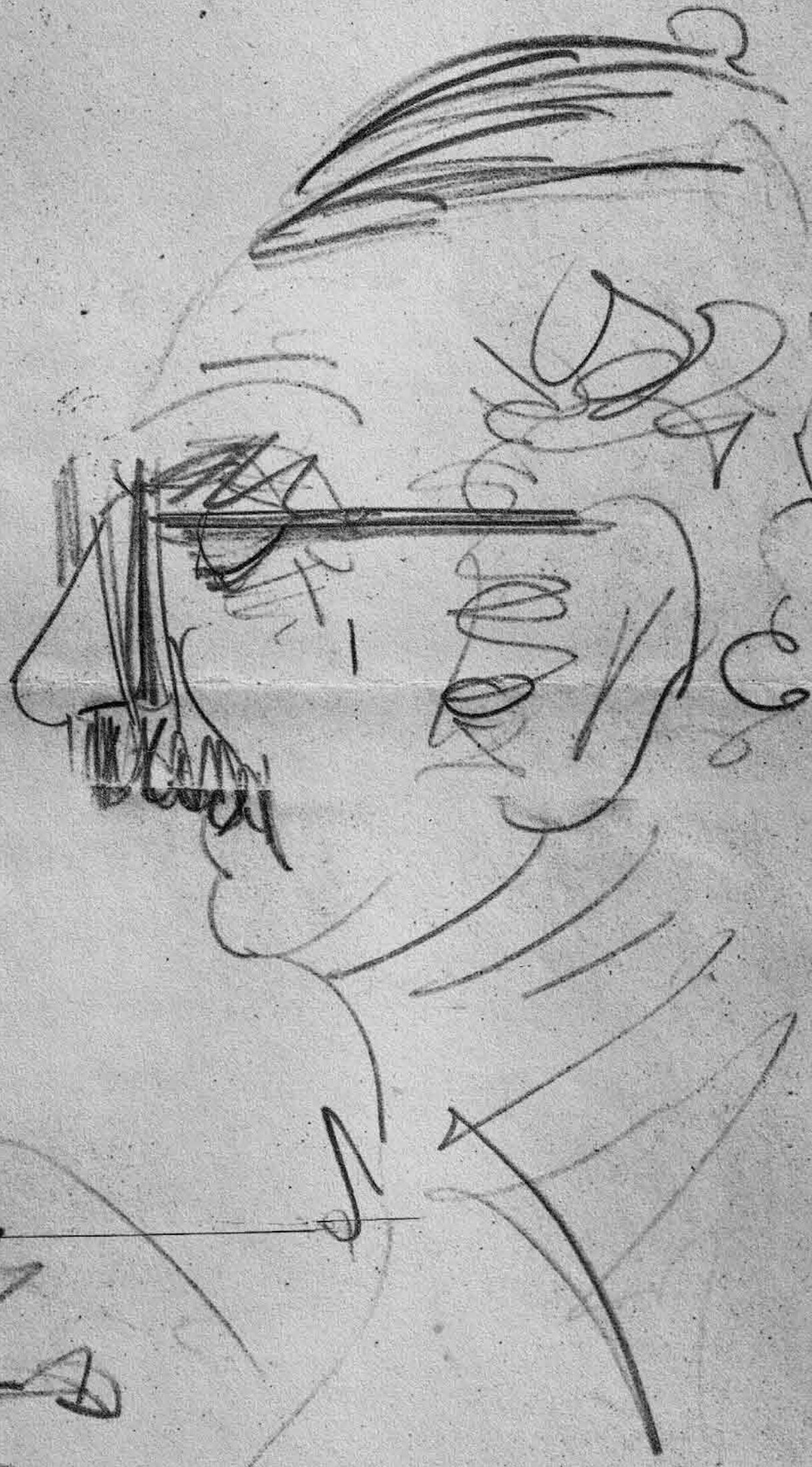
Todos, menos mamãe. Ela

eu tenho certeza que está acesa.

MARIO
JALE

P K
T X M
V N T
V S

V
K



Mamãe não dorme nunca, mesmo
antes de papai adoecer. Qualquer
hora que um de nós chegasse
em casa, nos bons tempos,
encontrava mamãe acordada.
Foi sempre assim, ano após ano.

Tem hora que me dá vontade
de ir lá no quarto dela, para
passar a mão na ^{velha} ~~sua~~ cabeça.
Só isso, nenhuma palavra,
~~Mamãe não quer que eu vá lá~~
apenas a mão na cabeça. Mas
~~trabalha muito~~
eu acho que é pior para nós.

A situação é esta. Vou varar
mais uma noite na sala iluminada,
preso naquela fatia de cama
onde se vê uma parte de papai.
O importante é não me distrair
da sua respiração.

Não sei se está sentindo alguma
coisa. Os gemidos cessaram
há três dias. Será que ainda
ouve? Às vezes fico um pouco
apreensivo com o silêncio
da casa. Estou aqui, papai.

Faço um pequeno ruído com
a cadeira, um pigarro curto,
acendo dez vezes o cigarro.
Caso papai esteja ^{ouvindo,} ~~ouvindo,~~
não quero que se sinta sozinho
numa hora tão extrema.

Outra vez me levanto, ~~ando~~
pela sala, dou uma olhada
nele, atravesso o quarto
até a cozinha, volto, a
respiração continua. Está tudo
em ordem. Posso ir ao banheiro.

É estranho o barulho líquido
do miço despen^{do}do dentro
do vaso. Olho minha cara no
espelho. Vinte e sete anos
no mês que vem, o primeiro
aniversário sem ele.

Procuro no meu rosto algo
que está acabando,
do seu rosto, ~~que está acabando,~~
um traço comum. Aparentemente
nada. Mas, por dentro, o mesmo
terro^ratávio, uma coragem
desesperada. Deus sabe o que faz.

Retorno apreensivo, ^{tanto tempo} ~~o tempo~~

~~Estou~~ longe do quarto. A aspiração

~~A respiração~~ não para. Sento ~~no banheiro~~

~~na sala, quando~~

~~estou~~ fico esperando. Cada

um de nós vai cumprir sua parte.

Eu aqui e papai lá no quarto.



SUPLEMENTO

O MAIS BRASILEIRO DE TODOS OS CONTOS

SEBASTIÃO NUNES

O conto que, em minha modesta (e talvez polêmica) opinião, melhor representa a literatura brasileira, com suas dezenas de tendências, centenas de vertentes e milhares de autores, é “Festa”, de Wander Pirolí. Para defender essa minha eleição, numa época de tanta ligeireza e conto ruim, devo insinuar que essa obra-prima põe no chinelo a maioria das narrativas urbanas de Machado de Assis, Clarice Lispector, Murilo Rubião e João Antônio, isto sem meter a mão na cumbuca dos autores vivos.

A razão de minha escolha é tanto de ordem literária quanto sociológica. Para mim, “Festa” tem o romantismo épico do *Grande sertão: veredas*, a eloquência trágica de *Os sertões*, a profundidade ecumênica de *Casa grande & senzala*, a secura narrativa de *Vidas secas* e o lirismo dramático de *Os ratos*, vigorosamente comprimidos numa pequena-grande cápsula de beleza, humanismo, rigor e – acima de tudo – altíssima literatura. Uma literatura despojada, seca e densa como raras vezes se publicou neste país. Com vocês, a vertiginosa explosão de talento, escrita em 1963 e lançada em primeira edição no livro *A mãe e o filho da mãe*, de 1966. Quem não entender minha escolha – ou pelo menos não admitir que tenho alguma razão –, desista de ser contista, se é que pretende jogar no time dos craques.

SEBASTIÃO NUNES

mineiro de Bocaiúva, é autor de *Antologia mamaluca*, *Somos todos assassinos* e diversos outros livros de poesia e prosa, além de cronista e sócio-fundador da Editora Dubolsinho.

FESTAS

CONTO DE WANDER PIROLI

A trás do balcão, o rapaz de cabeça pelada e avental olha o crioulo de roupa limpa remendada, acompanhado de dois meninos de tênis branco, um mais velho e outro mais novo, mas ambos com menos de dez anos.

Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente, e se dirigem para o cômodo dos fundos, onde há seis mesas desertas.

O rapaz de cabeça pelada vai ver o que eles querem. O homem pergunta em quanto fica uma cerveja, dois guaranás e dois pãezinhos.

- Duzentos e vinte.
- O preto concentra-se, aritmético, e confirma o pedido.
- Que tal pão com molho? – sugere o rapaz.
- Como?
- Passar o pão no molho da almôndega. Fica muito mais gostoso.
- O homem olha para os meninos.
- O preço é o mesmo – informa o rapaz.
- Está certo.

Os três sentam-se numa das mesas, de forma canhestra, como se o estivessem fazendo pela primeira vez na vida.

O rapaz de cabeça pelada traz as bebidas e os copos e em seguida, num pratinho, os dois pães com meia almôndega cada um. O homem e (mais do que ele) os meninos olham para dentro dos pães, enquanto o rapaz cúmplice se retira.

Os meninos aguardam que a mão adulta leve solene o copo de cerveja até a boca, depois cada um prova o seu guaraná e morde o primeiro bocado do pão.

O homem toma a cerveja em pequenos goles, observando criteriosamente o menino mais velho e o menino mais novo absorvidos com o sanduíche e a bebida.

Eles não têm pressa. O grande homem e seus dois meninos. E permanecem para sempre, humanos e indestrutíveis, sentados naquela mesa.

POUCA COISA PUBLICADA,

ANTÔNIO TORRES

Cinéas Santos já não se lembra. Para quem não está ligando o nome à pessoa: trata-se do poeta piauiense que tem toda uma vida devotada à causa do livro e da leitura em seu estado, seja como livreiro, editor, crítico literário ou agitador cultural, e que em 2001 publicou pela sua editora Corisco a 7ª. edição de *A mãe e o filho da mãe*, exatamente o título que consagrou Wander Piroli como “um dos maiores contistas nacionais, se não latino-americanos”, no dizer do gaúcho Antônio Hohlfeldt, e seus contos como “verdadeiros clássicos da literatura brasileira moderna.” Só que agora Cinéas Santos não consegue se lembrar do que também me esqueci: em que dia e mês ele me contou, e o que contou, sobre a ida de Wander Piroli a Teresina, para falar no SALIPI, o Salão do Livro do Piauí, e sobre o que ele fez na cidade, como se sentiu lá, se reclamou ou não do calor, se foi uma *estupidamente gelada* ou uma *quentinha* que pediu para soltar o verbo – ou apenas uma inofensiva cajuína –, se, com a saúde ainda dando para o gasto, estava alegre ou tinha queixas da vida. Mas me recordo: numa manhã de um dia qualquer do ano de 2006, o bom Cinéas se lembrava, calorosamente, de quando fizera as honras da casa a um admirável escritor mineiro que, por onde passava, deixava a sua marca de figura humana extraordinária.

Não, aquela conversa não aconteceu num dia qualquer. Ao voltar para casa, que na época ficava em Copacabana, recebo, por telefone, a notícia de que Wander Piroli deixara de pertencer ao reino deste mundo. A voz embargada de Carlos Herculano Lopes ao telefone era uma prova do quanto ele estava arrasado. Amigo de todas as horas, o nosso querido Carlinhos vinha me deixando a par do estado de saúde do Wander, cuja

progressão nos fazia esperar pelo pior, o que não significava que, mesmo previsível, a sua morte iminente fosse aceitável. Todos que convivemos com o Wander queríamos muito bem a ele, e sentíamos uma impotência insuportável em não podermos fazer nada para tê-lo conosco por muitos anos mais, tanto quanto por não termos conseguido ajudá-lo a conquistar o lugar que merecia no meio editorial, como veremos mais adiante.

Agora, pego na estante o exemplar da edição – bem cuidadinha, diga-se – que Cinéas Santos fez de *A mãe e o filho da mãe* e vejo, na folha de rosto, o quão tremida estava a letra do Wander no autógrafo sucinto, e quase ilegível, que ele rabiscou nela. É com algum esforço que leio a data: 5.12.2002. Aquilo não era um bom sinal, me lembro de haver pensado, quando recebi o livro, imaginando-o já perdendo a firmeza na mão, o terror dos terrores para qualquer um, que dirá quem vive de escrever? Mas pulemos esse capítulo, porque há outros mais felizes a serem lembrados.

Quem o trouxe para a cena literária do Rio de Janeiro foi João Antônio, que a agitou por uma intensa temporada, desde quando, aí pela metade da década de setenta, voltou a se enturmar, preparando o terreno para o relançamento, em grande estilo, do seu premiadíssimo *Malagueta, Perus e Bacanaço* pela mesma Editora Civilização Brasileira que o havia publicado em 1963. Deixando de lado a literatura, durante anos, para dedicar-se ao jornalismo, sobretudo em São Paulo, João Antônio encontraria no *Suplemento Literário Minas Gerais* uma plataforma para o impulso ao seu retorno às letras. Foi por essa época que ele telefonou ao escriba aqui, então já com dois livros publicados, propondo uma entrevista, e esclarecendo que a tarefa lhe havia sido sugerida pelo novo editor do SLMG, escritor pelo qual tinha o maior respeito etc. Ou seja: depois de um

MUITA COISA GUARDADA.

longo sumiço das minhas relações, João Antônio retomava o contato, e motivado por uma incumbência de Wander Piroli, aquele que ele acabaria por convidar para subir num palco carioca, no histórico debate realizado no Teatro Casa Grande, em 1975, tão bem rememorado por Ignácio de Loyola Brandão em seu comovente *Veia bailarina* (Global, 1997).

João Antônio me apresentou ao Wander na noite anterior ao debate no Teatro Casa Grande. Foi num barzinho a poucos passos do prédio onde ele morava, na Praça Serzedelo Correia, em Copacabana. Derrubamos algumas cervejas para molhar a palavra, e treiná-la para o embate da noite seguinte, a propósito do qual transcrevo a seguir um trecho de uma de minhas memórias que estão no livro *Sobre Pessoas*, publicado em BH em 2007 pela Editora Leitura, e que tem por título “Com Loyola em Araraquara”:

A ideia partiu de um gaúcho radicado no Rio, o então publicitário José Monserrat Filho, num encontro casual com João Antônio e o narrador que vos fala num restaurante de Copacabana. “Está havendo uma série de debates culturais no Casa Grande”, disse o Monserrat. “Por que vocês não fazem um sobre a literatura brasileira, hoje?”

João Antônio captou a ideia no ato, arregalando bem os olhos, que pareciam sempre em brasa, à espera de uma ação, em busca de movimento. Pediu um pedaço de papel ao garçom e começou a listar nomes. O primeiro da lista – eu me recordo – foi o de Ignácio de Loyola Brandão, que em São Paulo vinha despontando como um dos mais fortes representantes da geração a que pertencíamos. E assim, escolhendo a dedo quem iria participar do debate, e agindo rápido para encaixar um evento extra na programação do teatro, João Antônio iria pôr à mesa, além dele mesmo (um paulista

de Osasco), do Loyola (de Araraquara) e do baiano aqui, um grupo de escritores diferentes uns dos outros, em procedência e estilo, como o maranhense José Louzeiro, o cearense Juarez Barroso e o mineiro Wander Piroli. A “orquestra”, que subia a um palco pela primeira vez, sem nenhum ensaio prévio, teve como regente o moderadíssimo Antônio Houaiss, diplomata cassado, conceituado filólogo, com seu nome vinculado a enciclopédias e a uma tradução famosa, a do “Ulisses”, de James Joyce. Portanto, sua aceitação da tarefa conferia uma certa legitimidade ao evento, tanto no âmbito literário quanto no político – de esquerda, naturalmente. Ainda assim a desafinação foi geral. Tudo o que queríamos, num momento de esmagadora predominância do livro estrangeiro sobre o nacional, com as editoras dedicando cerca de 80% de sua produção às traduções, era chamar a atenção para a literatura brasileira, o que incluía, obviamente, a que estamos fazendo ou tentando fazer. Na verdade, queríamos nos dar a conhecer um pouco além dos espaços das resenhas nos cadernos literários, nos quais éramos tratados, é justo dizer, com simpatia. E, no entanto, a platéia – formada por estudantes e escritores inéditos, além de prepostos da polícia política – se comportou de forma agressiva, como se ali estivessem reunidos os nossos piores críticos. Aquela noite redundou num tremendo quebra-pau. Ainda me lembro da voz antes serena de Wander Piroli a esbravejar rudemente, em alto e bom som: “Merda, merda!” Para mim, isto resumia à perfeição o que havia sido aquele debate: um vexame. Terminada a peleja, tudo o que desejava era que a terra se abrisse para eu entrar por ela adentro. Nunca mais queria subir num palco.

Qual o quê. “Foi um sucesso”, garantia o calejado Antônio Houaiss. “Isto foi apenas um começo” – aliviava o otimista Monserrat, o idealizador daquilo que me pareceu um fiasco. Houve algo de vital naquilo, sem dúvida,

um certo caráter de novidade dentro do quadro político que vivíamos e, principalmente isto, da exposição pública de escritores, naquele tempo, neste país. O encontro do Teatro Casa Grande acabou tendo muita repercussão na imprensa do eixo Rio – São Paulo, ainda que com as restrições previsíveis ao nosso desempenho como palestrantes...

Vida que segue, como diria o finado João Saldanha. A partir daquele debate, alguns de nós passamos a ser convidados para falar em tudo quanto era canto. Ganhamos a estrada. João Antônio e eu voltamos a nos encontrar com o Wander em Juiz de Fora. Estávamos programados para falar no campus da Universidade Federal daquela cidade, mas, ao chegarmos lá, fomos surpreendidos com a notícia de que o evento fora proibido por ordens militares. Os estudantes, porém, fizeram de tudo para evitar que perdêssemos a viagem. E rapidamente conseguiram auditório para duas apresentações do trio de palestrantes, uma na noite em que chegamos e a outra na manhã do dia seguinte. E ambas com casa lotada.

Hospedados na casa de um professor, Wander e eu ficamos num mesmo quarto, com uma garrafa de cachaça entre as duas camas. Varamos a noite papeando entre um gole e outro. Àquela altura, tínhamos algo mais a nos ligar, além da participação no debate do Casa Grande: nós dois estávamos no time escalado pelo João Antônio de sempre na antologia *Malditos escritores!*, cujos nomes de Aguinaldo Silva, Chico Buarque, Márcio Souza, Marcos Rey, Tânia Faillace e Plínio Marcos brilhavam na capa. Ilustrada por Elifas Andreato – artista gráfico que se celebrizou com as capas e ilustrações da Coleção Nosso Tempo, da Editora Ática, que estourou já no início, com *O pirotécnico Zacarias*, de Murilo Rubião, e *A morte de D. J. em Paris*, de Roberto Drummond –, a antologia era na verdade o quarto número da revista *Extra Realidade Brasileira*, da Coleção Livro-Reportagem da Editora Símbolo (São Paulo), e foi um sucesso de imprensa e de público, chegando a vender mais de 50 mil exemplares nas bancas de todo o país. No texto de apresentação de Wander Piroli, que contribuiu para o êxito daquela antologia com o conto *Seja o que Deus quiser*, João Antônio faz dele – e de muitos de nós – estas palavras do próprio Wander:

“O dia em que o escritor se tornar conformista, estará liquidado. A palavra é um instrumento de ação. Procuro fazer uma literatura anti-literária. O escritor nacional está se desencastelando, indo para as ruas, enfrentando o leitor nas escolas, questionando e sendo questionado. Por que escrevo? Pouca coisa publicada, muita coisa guardada, nós aqui reunidos e o pessoal comendo merda”. João Antônio fecha as aspas e segue em frente:

“Direto, incisivo [...], incapaz de cultivar aflições estéticas nem existenciais, o mineiro Wander Piroli pertence ao que está mais embaixo, junto com os outros, preocupado com os problemas rasteiros da sobrevivência. Apesar da modéstia e da economia de palavras (principalmente escrevendo), é autor de três sucessos na literatura de hoje no Brasil: ‘A mãe e o filho da mãe’, ‘O menino e o pinto do menino’ e ‘Os rios morrem de sede’”. E João Antônio continua, definindo o Wander

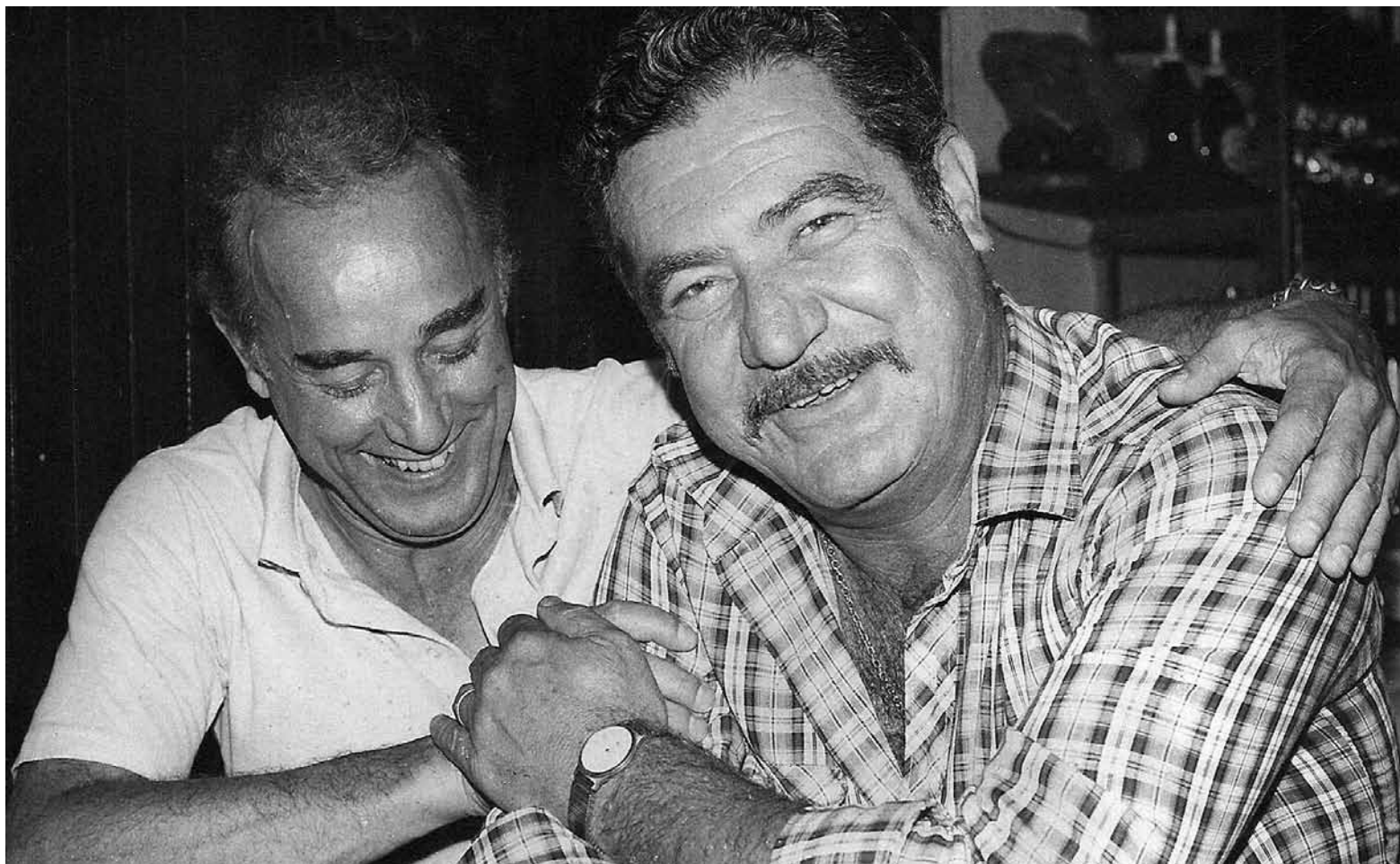
como “boêmio incrivelmente muito bem casado, quatro filhos, contador que nunca soube o que é haver, advogado com cinco anos de absoluto fracasso financeiro, jornalista, trabalhando nas ocorrências policiais do ‘Estado de Minas’”. (A admiração do contista paulista por seu colega mineiro era incondicional, ilimitada. Chegava a parecer que para João Antônio era Lima Barreto no céu e Wander Piroli na Terra. Outro de seus santos de cabeceira era também das Gerais: Manoel Lobato).

...

Recordo uma ida a Belo Horizonte, que, na década de setenta, parecia ter mais escritor por metro quadrado do que qualquer outra cidade. Os contistas mineiros, tendo na linha de frente Murilo Rubião, Luiz Vilela, Wander Piroli e Roberto Drummond, estavam estourando de Sul a Norte. Isto sem se falar nos que haviam trocado Minas por São Paulo ou Rio, como Ivan Ângelo e Silviano Santiago. Até o carioca Sérgio Sant’Anna, que vivia em BH, era confundido com um deles. Um dia, ao ter a ideia de fazer um áudio-visual como peça de promoção do Prêmio Remington de Prosa & Poesia (“o primeiro prêmio literário de uma máquina de escrever”) que eu havia criado numa agência de publicidade chamada Lintas, decidi ir à fábrica de escritores premiados. Do aeroporto da Pampulha fui direto para a casa do romancista Oswaldo França Júnior, que ficara nacionalmente conhecido ao ganhar – com *Jorge, um brasileiro* – o maior prêmio do país naquele tempo, o Walmap, que era patrocinado pelo Banco Nacional de Minas Gerais, e que teve na comissão julgadora ninguém menos do que João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Antônio Olinto. De gravador em punho, peguei o depoimento do inescutível França – outro que tanta falta nos faz –, que me levou a um hotel, e, depois, ao encontro de Wander Piroli e Roberto Drummond, no *Estado de Minas*, de onde todos fomos a um bar numa galeria próxima à Redação do *Suplemento Literário Minas Gerais*, no qual Benito Barreto, Adão Ventura, Duílio Gomes e Geraldo Magalhães nos aguardavam, sob a presidência de Murilo Rubião, o primeiro a se retirar, com um aceno geral, mas deixando a conta paga. Ao saber disso, Geraldo Magalhães convocou todos a beber *por conta da casa*, ou seja, na sua casa. Fomos. A noite só não terminou depois do jantar no Tavares, porque de repente o Oswaldo se lembrou que a saideira tinha que ser na casa de Sérgio Sant’Anna. E não é que o Sérgio acordou, nos recebeu, pôs uma garrafa de uísque na mesa, e providenciou o gelo, como se aquela visita fora de hora fosse a coisa mais normal na vida de Belo Horizonte? Era como se a cidade fizesse dela os versos de Drummond, ou vivesse a parafraseá-los:

*Como viver sem conviver,
na praça de convites?*

Acervo de família



Oswaldo França Jr e Wander Piroli

Ou ainda: era como se aquela geração de mineiros, que incluía os agregados a ela como o Sérgio Sant’Anna, levasse ao pé da letra o ensinamento de Fernando Sabino, o que dizia que é a convivência que faz a vida mais digna de ser vivida. Figuras como Wander Piroli, Oswaldo França Júnior e Roberto Drummond fizeram com que a história da cidade de Belo Horizonte do tempo deles se tornasse mais digna de ser lembrada. Mas, de que falavam tanto, em mesas intermináveis? Também não me lembro. Mas recordo uma cartinha do Wander, já em seus dias de letra tremida, em que ele se queixava de ter na gaveta mais de dez livros que ninguém se interessava em publicar. Por mais que tentássemos, Carlos Herculano Lopes e eu não fomos de grande ajuda nisso. Só recentemente – quer dizer, quando ele já não estava mais aqui para curtir isso –, a Editora Leitura, de BH, fez alguma coisa para tirá-lo do limbo. O que não muda muito a escrita: “Pouca coisa publicada, muita coisa guardada, nós aqui reunidos e o pessoal comendo merda”. Passo a palavra a João Antônio:

Os contos de Wander Piroli refletem esse clima que nós vivemos, principalmente na área urbana. Esse clima de múltiplas repressões, opressões, medos, angústia, instabilidade e – às vezes –, até esperanças e alegrias. Essa nossa difícil época Wander Piroli tem refletido nos seus contos.

Acrescente-se a isto a sua alta voltagem na construção dos diálogos, de que o conto *Os camaradas* é um caso exemplar, sob medida para as oficinas literárias, nas quais, hoje, a galera se empenha tanto em desvendar os segredos da ficção. Por falar nisso, o que diria ele dessas modas? *Merda, merda, merda?*

ANTÔNIO TORRES

baiano de Junco (hoje Sátiro Dias), é autor, entre outros, dos romances *Essa terra*, *Um táxi para Viena d’Áustria* e *Meu querido canibal*.

RIO BOM É PARA NADAR PELADO

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

O que tínhamos em comum? Éramos jornalistas que se encaminharam para a literatura, a grande marca da geração chamada de 70, porque quase todos lançaram naquela década. Hoje somos a geração dos 70, por causa da idade. Conheci Piroli em Belo Horizonte, quando André Carvalho lançou a Coleção do Pinto, uma nova leitura do mundo infantil. De cara o Wander emplacou *O Menino e o Pinto do Menino*, que assustou muito professor e muita mãe, porque achavam que era o pinto, o pau, o cacete, o caralho do menino. Teve também professor, pelo Brasil afora, que se arrepiou com o pinto, sempre levado por esse erro conceitual. O título, um dos mais poéticos, intrigantes e engenhosos na época, era uma provocação e ao mesmo tempo indicava o problema. Um pintinho de feira criado num apartamento que cresce e se torna incômodo. Era a geração de crianças do asfalto, dos apês, sem contato com a terra, sem quintais, bichos, galinhas, porcos, coelhos, sem a natureza. Eram meninos que achavam que laranja dava em caixotes de supermercado. Era o nascimento da literatura infantil urbana e seus desafios, que logo encontrou detratores entre os defensores da infantil tradicional. Ora, uma não excluía a outra, literatura não é exclusão, é inclusão.

Quando conheci Wander me assustei com o tamanho dele, com as mãos enormes, amareladas pelo cigarro e com paixão pela cachacinha. (Eu vinha de três hepatites, estava proibidíssimo de beber álcool, invejava aquele homem que se deliciava com a cachaça). Naquele momento eu imaginava que Hemingway era também assim, corpulento, bebedor, assustador, renovador. Olhava as mãos de Wander e pensava: como elas podem escrever uma literatura tão doce? Mãos assim eram para quebrar

o teclado da máquina de escrever. Eram para fazer reportagens policiais, violentas, ou políticas, que sempre foram uma coisa suja e corrupta e então daria prazer bater com força nas teclas, arrancá-las da máquina, destruindo-as.

Eu estava estruturando um romance chamado *Não Verás País Nenhum*, quando Wander lançou *Os Rios Morrem de Sede*. Não tenho certeza, não sou ensaísta, mas talvez tenha sido a primeira literatura infantil ecológica. O problema da água viria em meu romance. Posso dizer que se algum professor quisesse falar sobre água, um dos maiores temas do meio-ambiente, poderá começar pelo livro do Wander e continuar pelo meu. Isso nos aproximou e certa vez nos levou a um encontro na faculdade de Ituiutaba, terra do Luiz Vilela. Achavam que éramos ecologistas, mas ele e eu ficamos a contar histórias e mais histórias, a criança adorava, os professores lançavam à mesa perguntas “técnicas”, riamos e inventávamos. Uma dessas perguntas foi:

— Para que um rio é bom?

Esperavam que disséssemos que eram para saciar a sede de uma cidade, para irrigar terras, para criar peixes, e assim por diante, e tivemos a mesma resposta:

— Rio é bom para nadar pelado.

Os meninos riam e perguntavam:

— As meninas também nadavam?

— Sim?

— Peladas?

— O que acham?

Tinha professora que encerrava ali, outros deixavam correr, mas alertas para não virar esculhambação. Assim, *O Menino e o Pinto do Menino*



Acervo de família

e *Os Rios Morrem de Sede* (este título é outro achado) foram sucesso em sua época.

Ou teria sido em Guaxupé e o Elias José estava presente? É bem capaz. Afinal se passaram quase 40 anos. Importante não é a data, é o caso. Não foram muitos os encontros com Piroli. Eventualmente, quando ia a Belo Horizonte, nos encontrávamos ao redor de uma mesa de bar, depois de cumprida a obrigação literária, a de falar em algum lugar. Assim conheci Osvaldo França, Roberto Drummond, Benito Barreto, o menino Carlos Herculano Lopes, as lindas, doces e quase meninas então, Branca de Paula e Cristina Agostinho, que construíram uma obra forte, sólida. Fomos da geração que começou a soltar as amarras, a abandonar os escritórios fechados, as torres de marfim isoladas, indo para escolas, universidades, centros culturais, bibliotecas. Era o estilo da geração de 70, a abertura para o Brasil. Muitos nos criticavam diziam que fazíamos por vaidades, para conseguir mídia. Nós não respondíamos, íamos, era parte de nosso trabalho.

Houve uma noite memorável em nossas vidas: o célebre encontro do Teatro Casa Grande no Rio de Janeiro em 1975. Eram mesas para discutir e censurar a censura que grassava no Brasil, afinal havia uma ditadura. Cineastas, teatrólogos, artistas plásticos, escritores debatiam diante de 500 jovens, a maioria estudantes. Confesso que era uma balbúrdia que deixava os policiais do Ministério da Justiça inquietos e afoados. Sentavam-se na primeira fila a anotar sem parar, febrilmente. Nem sabiam os nomes de quem falava, acho que reportavam os temas, os ataques aos presidente e aos políticos coniventes, arrasavam com a censura e as leis sufocantes. Naquele tempo ainda não existiam esses pequenos gravadores que hoje cabem na palma da mão. Na mesa de

literatura estavam Wander Piroli, Antonio Houaiss, Juarez Barroso, João Antônio, Antônio Torres e eu. Dos seis, restam o Torres e eu. Quando Wander se levantava para falar, a turba silenciava, era um gigante no palco, ameaçador.

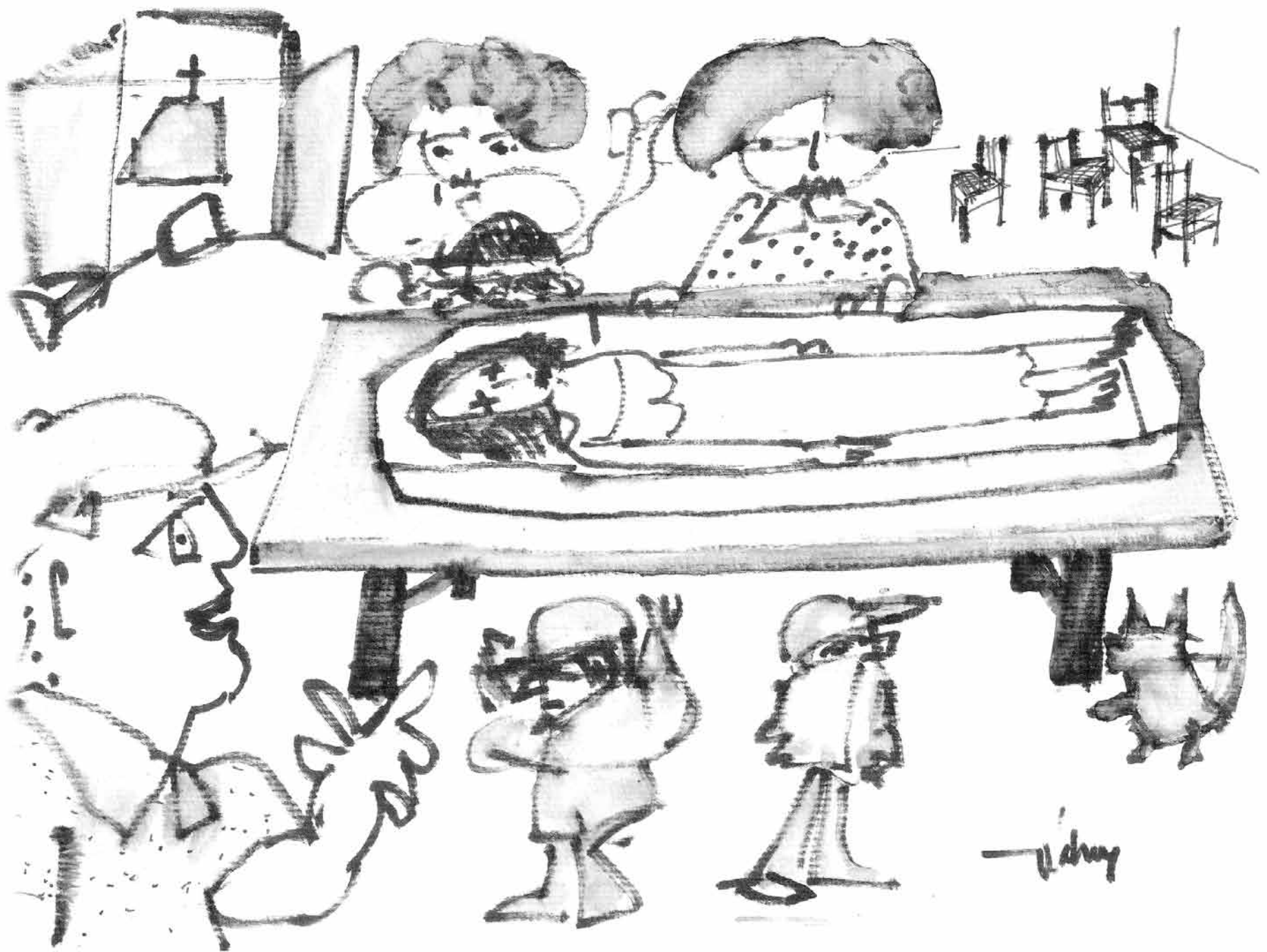
Recontamos essa história para que não se esqueçam daquela noite. A partir dela autores passaram a ser convidados para as mais diferentes cidades, de Blumenau a Rio Branco, de Campos a Joinville, de Marília a Novo Hamburgo. Cruzamos o país. Quando Wander ia, o que não era muito frequente não, o jornalismo não o deixava escapar tanto, ia encantando e era comovedor ver aquele homenzarrão falar – de um jeito desajeitado, confesso – para crianças que tinham se encantado com aqueles livrinhos de formato quadrados da Editora Comunicação e da Coleção do Pinto. Falava do pinto do menino e da sede dos rios e o que se via na mesa era aquele enorme homem que parecia um ogro, podia ser um gigante malvado, mas se transformava num super-herói enorme, mais um guardião, um defensor, que um inimigo, com sua fala e seu riso irônico e contido.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

75 anos, é escritor e jornalista, tem 37 livros publicados entre romances, contos, crônicas, infantis, viagens e uma peça teatral. Prêmio Jabuti de 2009 com *O Menino que Vendia Palavras*. Publicado em doze línguas, acaba de lançar *O Menino que Perguntava* e *A Morena da Estação*, este sobre trens, estações, ferrovias, um tempo de glamour que ele viveu como filho de ferroviário.

ATÉ LOGO, MAMÃE.

CONTO DE WANDER PIROLI



Carlos Wolney

Mamãe está deitada em cima da mesa da sala. Um lençol branco cobre mamãe, cobre a mesa toda. Tia Mafalda, com sua cara de pedra, está junto à mesa. A sala está vazia, seis cadeiras vazias ao longo da parede. Tia Mafalda sabe que cheguei, mas continua de costas. Estou parado na porta da cozinha, o paletó no braço.

“Tia Mafalda”

Ela vira lentamente a cara de pedra e sem me olhar, mas me vendo todo, ergue a mão para que eu me cale. Agora começa a se mover na minha direção.

“Lavínia está dormindo.”

Aproxima-se, afasto-me para o lado.

“Mamãe está morta.”

“Venha ver, Luiz.”

Acompanho-a até o quintal. Aponta um monte de terra vermelha debaixo da parreira de uva. Uma cova.

“É para Lavínia.”

“Ora, tia.”

“Lavínia vai ficar aqui.”

“Mamãe deve ir para o cemitério.”

“É uma ordem dela.”

“A senhora sabe que não pode.”

Tia Mafalda quase sorri, entreabrindo os lábios finos de navalha.

“Quem fez a cova?”

“Nós duas.”

“Mamãe também?”

“É.”

“Mas ela não estava doente?”

“Foi antes.”

“Mamãe sabia?”

“Sempre soube”

“Que horas que foi?”

“Anteontem à noite.”

“Então tem dois dias.”

“Ela queria que você viesse.”

“Não acredito.”

Ela me olha com enfado.

“Lavínia ditou o telegrama.”

“Tia.”

“Agora vamos, Luiz. Lavínia está lá sozinha.”

Passamos pela coberta do tanque, pela cozinha, estamos novamente na sala vazia.

“Não veio ninguém?”

Tia Mafalda pega o lençol e descobre o rosto de mamãe. O mesmo rosto fanático de cinco anos atrás. O mesmo lenço preto para camuflar a calvície repugnante.

“Beije-a.”

“Não adianta, tia.”

“Luiz. Beije-a.”

“A senhora sabe.”

“Lavínia pediu.”

“Para com isso.”

“Depressa, Luiz.”

Olho dentro da cara de pedra.

“Lavínia está esperando, Luiz.”

Debruço-me sobre mamãe. Ela está abrindo os olhos, recuo. Tento afastar-me, tia Mafalda me segura pelo braço.

“Vamos, Luiz.”

“Não posso.”

Tia Mafalda me fala com a voz rouca, a mesma voz rouca de mamãe.

“Vem cá, menino.”

Inclino-me penosamente sobre a mesa. Tia Mafalda me pressiona a nuca até ter certeza de que minha boca toca a face murcha de mamãe.

“Pronto, Luiz.”

“Mamãe ainda está quente.”

“Sim.”

“A senhora não disse que ela morreu anteontem?”

“Lavínia estava te esperando.”

Tia Mafalda cobre o rosto de mamãe com o lençol:

“Agora me ajude.”

“Não faça isso, tia.”

“Do outro lado, Luiz.”

Ela pega o corpo numa extremidade e eu na outra. Quase não pesa. Passamos com mamãe pela cozinha, pela coberta do tanque até a parreira de uva. Colocamos o corpo ao lado da cova. Tia Mafalda passa a corda pelos pés de mamãe. Baixamos um lado de cada vez:

“Está bem, Luiz.”

Tia Mafalda enterra a pá no monte de terra vermelha.

“Agora pode ir.”

Passando pela cozinha, escuto o golpe surdo da terra atirada sobre o corpo de mamãe. Atravesso a sala nua, o corredor, o alpendre. Abro o portão de grade, saio para a rua. Ouço atrás de mim um ranger familiar no alpendre. Sigo em frente para não ver mamãe e tia Mafalda nas velhas cadeiras de vime.

CONVERSA DE ESCRITOR

FLÁVIA BATISTA DA SILVA SANTOS

A Lagoinha está em tudo. A minha visão do mundo é a visão da Lagoinha.
Wander Piroli

O acervo do escritor

Quando o assunto é literatura, boemia e marginalidade em Belo Horizonte, não podemos deixar de citar o escritor e jornalista Wander Piroli. Nascido na capital mineira, viveu grande parte de sua vida em um bairro que, por muito tempo, foi conhecido como a principal zona boêmia da capital: o bairro Lagoinha. Piroli faleceu em 2006 e no mesmo ano sua família fez a doação de seus documentos para o Acervo de Escritores Mineiros (AEM). É um escritor relativamente pouco conhecido e são poucas as publicações a seu respeito ou sobre sua obra.

À medida que o contato com a correspondência do escritor crescia, crescia também o interesse por sua vida. Passei a ver em suas cartas pessoais um valioso objeto de pesquisa e foi a partir daí, da leitura que fiz de sua correspondência ativa, que sua imagem foi sendo construída e, ao mesmo tempo, desconstruída. Posteriormente, maior ainda foi a surpresa ao me deparar com duas entrevistas irreverentes e descontraídas concedidas pelo próprio Piroli e publicadas em jornais diferentes nos anos de 1984 e 1998, objetos preciosos para meu estudo e percepção deste jogo de (des)construções do eu criado pelo “filho da Lagoinha”.

Antes de iniciar a discussão sobre as imagens que Wander Piroli constrói de si em suas cartas e entrevistas, apresentarei alguns dados teóricos relativos ao tema, propostos por Luciane Almeida de Azevedo

e Diana Klinger. Além das fronteiras imprecisas entre autobiografia, ficção e memória, abordadas em outro texto em que analiso o livro *Lagoinha*, discutirei aqui mais duas questões importantes: a incorporação do autobiográfico e a autoficção. A professora Luciene Almeida de Azevedo, em seu texto “Autoficção e literatura contemporânea”, define a incorporação do autobiográfico como

uma estratégia para eludir a própria autobiografia e tornar híbridas as fronteiras entre o real e o ficcional, colocando no centro das discussões novamente a possibilidade do retorno do autor, não mais como instância capaz de controlar o dito, mas como referência fundamental para performar a própria imagem de si. (AZEVEDO, 2008: 34)

Já o conceito de autoficção pode ser pensado como “uma obra literária na qual um escritor se inventa uma personalidade e uma existência, conservando sua identidade real (seu verdadeiro nome)” (Vincent Colonna, citado por AZEVEDO, 2008: 36). Como ressalta Azevedo, parafraseando Serge Doubrovsky – um dos formuladores da noção de autoficção –, esse tipo de escrita “inscreve-se na fenda aberta pela constatação de que todo contar de si, reminiscência ou não, é ficcionalizante”. A autora propõe ainda que a autoficção deve ser entendida “como um apagamento do eu biográfico, capaz de constituir-se apenas nos deslizamentos de seu

próprio esforço por contar-se como um eu, por meio da experiência de produzir-se textualmente” (AZEVEDO, 2008: 35). E mais à frente reforça:

O que é realmente novidade na autoficção é a vontade consciente, estrategicamente teatralizada nos textos, de jogar com a multiplicidade das identidades autorais, os mitos do autor, e ainda que essa estratégia esteja referendada pela instabilidade de constituição de um “eu”, é preciso que ela esteja calcada em uma referencialidade pragmática, exterior ao texto, uma figura do autor, claro, ele mesmo também conscientemente construído. (AZEVEDO, 2008: 37) [grifo meu]

O que realmente interessa no conceito de autoficção é a percepção do texto como forma de criação de um “mito do escritor”, e não puramente a relação mecânica do texto com a vida do autor, como na autobiografia tradicional. Mais uma vez, há o impasse envolvendo a “constelação autobiográfica”, que é composta por memórias, diários, autobiografias e ficções sobre o eu (KLINGER, 2006: 41). Segundo Diana Irene Klinger, a “constelação autobiográfica” está

rodeada de certa polêmica, que envolve a questão dos gêneros, pois ela se move entre dois extremos: da constatação de que – até certo ponto – toda obra literária é autobiográfica até o fato de que a autobiografia “pura” não existe. (KLINGER, 2006: 41)

A análise de trechos e recortes do acervo de Wander Piroli tem como objetivo o de pressupor até que ponto a imagem que o escritor constrói de si nas cartas e nas entrevistas condiz com a visão do que ele mesmo chama de realidade e de verdade.

A imagem de si

O bairro Lagoinha sempre foi motivo de orgulho para Wander Piroli, que viveu lá até seus 27 anos. As lembranças das experiências no bairro exerceram grande influência em sua forma de escrever, fazendo-se presente nas crônicas, contos, poemas e histórias contadas em seus livros, como mostra o trecho de uma carta escrita para a amiga Laura Sandroni em 27.11.1977: “Estou agora tentando escrever a história da um galo de briga cego, uma forte lembrança da minha infância”. O mesmo acontece em outra carta, destinada a Fábio Lucas, de 19.06.2002, sobre seu livro *Sem tirar nem pôr*: “*Sem tirar nem pôr* é, de fato, um livro de memórias. Falo de coisas antigas, da Lagoinha, dos livros, das atitudes jornalísticas, etc.”

Durante toda a vida, Piroli demonstrou ser uma pessoa modesta, despretenhosa, apreciador exímio de “canas”, um escritor “que se coloca folgadoamente no segundo time” e desinteressado do sucesso: “O que alguns bobalhões chamam de sucesso, pouco me importa. O que me interessa é viver. Dentro do meu espaço e sem prejudicar o espaço dos

outros” (carta destinada a Nélida Piñon em 24.08.1978).

Na apresentação de uma entrevista feita com Piroli para o jornal *Felicíssimo* no ano de 1998 (recorte sem data de publicação), Sávio Grossi ressalta a imagem que tinha do escritor:

Fomos entrevistar Wander Piroli. Para mim uma ansiedade de três dias e três noites. Não conhecia pessoalmente, pouco do que escreveu, conhecia mais o mito Wander Piroli: o filho da Lagoinha, valente, que não faz concessões ao sistema (palavrinha meio fora de moda), o escritor genial da raça de João Antônio, na descendência direta do pungente Afonso Henriques de Lima Barreto. [grifo meu]

Além disso, o escritor sempre demonstrou preocupação com a verdade dos fatos, com a realidade escrita. Isso fica mais claro nos trechos das cartas em que tece comentários sobre seu livro **O menino e o pinto do menino**, lançado em 1975. Piroli, em carta para Paulo Hecker, datada de 24.08.1975, faz um pequeno relato sobre a escrita do livro e sobre a “realidade estrita” presente na obra:

Creia que fiz uma bruta força pra parir um texto limpo, simples e verdadeiro, trabalhando, sem truque, em cima da realidade estrita, minha realidade doméstica, minha mulher e filhos, meu Bumba e seu pintinho, usando o nome de cada um, a sua maneira de falar, até a morte do pintinho, como de fato aconteceu tanto na vida real como no livro.

Em carta do mesmo ano, destinada a Lúcia Helena em 29 de agosto, Wander Piroli reforça a ideia da escrita como reflexo da realidade, ainda referindo-se ao livro *O menino e o pinto do menino*:

O paspalhão do pai que prepara a caipirinha sou eu mesmo. Bumba é meu filho Bruno, então com quatro anos, meu companheiro de pescaria. Ele ganhou realmente o diabo do pintinho no dia da criança. Andréa, Silvana e Adriana são minhas três filhas, Aparecida é minha mulher e Ana era a funcionária lá de casa.

O escritor volta ao tema em algumas outras cartas, como a que enviou para Nelly Novaes Coelho em 16.10.1975, em que afirma: “O menino e o pinto do menino é uma história muito simples, feita em cima da realidade estrita, Bumba é meu filho etc”. Ou ainda a missiva destinada a “Alberto”, datada de 14.07.1976, que fala sobre o livro *Os rios morrem de sede*, em que novamente aparece o seu filho Bumba, agora com sete anos: “Um texto bastante autobiográfico e eu estou achando o resultado um tanto piegas”.

É possível perceber claramente, nos trechos citados, a incorporação autobiográfica feita por Wander Piroli. Ao assumir a preocupação com a realidade dos fatos e com a verdade presente em seus livros, o escritor cria um comprometimento importante. Porém, há vários pontos em que essa imagem de “escritor da verdade” cai em contradição.

A desconstrução da verdade

Segundo Gilberto Menezes, em entrevista com o autor publicada no *Suplemento Dominical do Diário de Minas* em 17.06.1984, Wander Pirolí era visto por muitos como um “cara fechadão”, como um “sujeito casca grossa”. Mas, ao mesmo tempo, como alguém que “penetrava nas pessoas como uma lança”, revelando uma grande sensibilidade e uma preocupação enorme com as pessoas, com as mulheres, com as relações humanas, como demonstra esse excerto de um de seus cadernos de anotações: “O que sempre me interessou é o ser humano, a vida, a existência do homem aqui na terra, o ato de viver. Eu sempre tentei chegar mais perto das pessoas.” Este mesmo Wander Pirolí, que reforça e se apropria da imagem que ele próprio criou de si e de seu modelo de escrita, comete alguns deslizos, abrindo espaço para a percepção de algumas contradições e para formulação de conjecturas.

Na carta para Lúcia Helena (1975) citada anteriormente, depois de admitir que a história e os personagens de *O menino e o pinto do menino* fizeram parte de sua vida real e que o texto foi trabalhado com base na “realidade estrita”, o escritor completa o parágrafo dizendo que modificou o apartamento para o centro da cidade (porque precisava de um lugar onde houvesse mais edifícios) e o final da história (porque queria concentrar a ação num só dia, numa só sequência, e o pinto na verdade morreu no dia seguinte e não no mesmo dia, como é contado no livro). Outro exemplo dos deslizos que Wander Pirolí comete, contradizendo a ideia de que suas obras são estritamente condizentes com a realidade vivida, aparece quando, ainda na entrevista ao jornal *Felicíssimo*, em 1998, um dos entrevistadores tece um elogio ao escritor, a propósito do poema “Teoria e prática do corpo”, presente na orelha de outro livro de sua autoria, intitulado *Minha bela putana*. Após Pirolí dar detalhes a respeito da obra, o entrevistador pergunta: “Aquilo ali é tudo história de vida, ô Wander?”. “Nada. É tudo inventado!”, responde o autor prontamente.

Já na entrevista concedida em 1984 ao *Diário de Minas*, um dia antes do lançamento de *Minha bela putana*, Wander Pirolí comete mais um descuido quando o entrevistador o questiona a respeito da filosofia, sua e de vários outros autores contemporâneos, “de só dar ao leitor 40 por cento de alguma verdade, para que ele conclua as outras”. Em sua resposta, o escritor afirma:

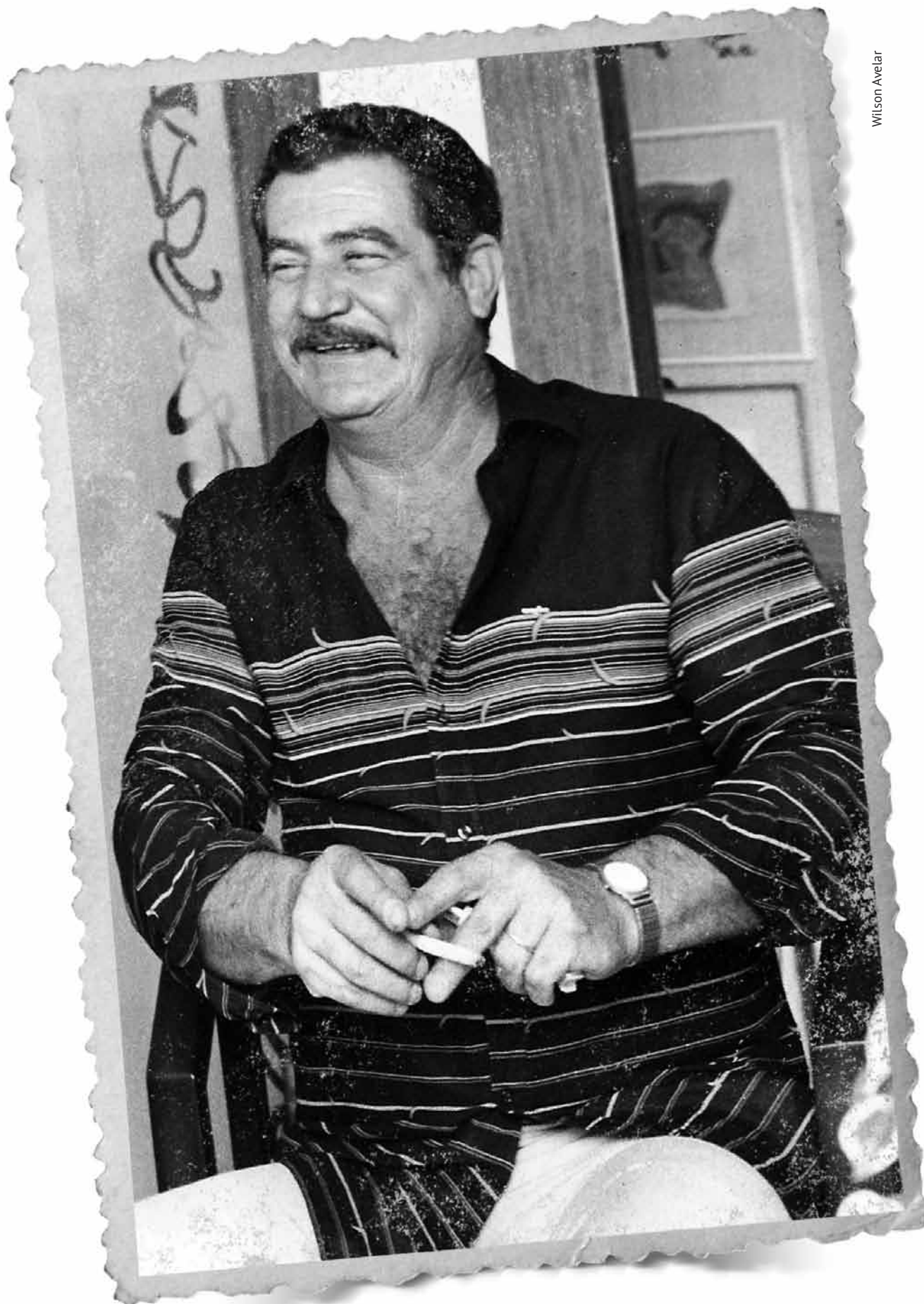
Eu acho 40 por cento excessivo, devia dar menos (risos). Um livro é uma parceria. O sujeito que escreve um livro, ele quer no leitor um parceiro ou um cúmplice. Se ele não ler com esses olhos, é um leitor que não interessa. Aí o autor falhou. O ideal seria oferecer 20 por cento. Mas a dosagem pouco importa. Tem história que dá mais e outras menos. O ideal é uma participação maior do leitor, que ele construísse a história junto com o autor, ou junto com as pessoas

envolvidas nela. Passasse a conviver com aquela história, se identificando ou não. Então, a verdade da literatura não é se aconteceu ou não, mas se o autor conseguiu passar pro leitor uma verdade, através da palavra escrita. A emoção está ali, subjacente ou não. Se isso chegar no leitor, então torna-se verdadeira. Pouco importa se a história aconteceu ou não, ou se você estava envolvido diretamente nela. [grifo meu]

Um comentário de Gilberto Menezes, jornalista que participou da entrevista, explicita de modo curioso essa contradição entre a imagem do escritor e sua voz ficcional: “Vocês podem imaginar um cara de quase dois metros de altura e bigodudo como o Wander escrever como se tivesse entrando na pele de uma mulher? Pois ele fez assim em vários contos de *Minha bela putana*.”

Através desta análise, pode-se perceber que não é possível saber com precisão até que ponto a imagem que Wander Pirolí constrói de si nas cartas e nas entrevistas condiz com a visão do que ele mesmo chama de realidade. Ainda há fronteiras que não são bem delimitadas e lacunas impossíveis de serem preenchidas. Mas ao mesmo tempo, não podemos negar que os mitos criados em torno do “filho da Lagoinha” existem e prometem durar por muito tempo.

- 1 O Acervo de Escritores Mineiros está localizado no terceiro andar do prédio da Biblioteca Central da UFMG. Nele se encontram os fundos documentais de uma série de escritores, sob a guarda Centro de Estudos Literários da FALE/UFMG. No acervo de Wander Pirolí constam livros, periódicos, jornais (aproximadamente quatrocentos e oitenta e quatro), correspondências (cerca de duas mil cento e vinte e seis, incluindo a correspondência ativa e passiva) objetos pessoais, fotografias, quadros e uma estante.
- 2 Livro inédito.
- 3 Pirolí era uma pessoa declaradamente apaixonada por cachaça. Conforme suas cartas, houve um período de sua vida em que ele chegou a tomar um litro por dia.
- 4 A entrevista possui um caráter bastante informal e descontraído, com música e muitas gargalhadas, como se fosse uma conversa de bar. Por isso, não há um único entrevistador.



Wilson Avelar

FLÁVIA BATISTA DA SILVA SANTOS
é bolsista de Iniciação Científica do Acervo de
Escritores Mineiros / FALE / UFMG.

SUPLEMENTO



Capa: Quinho

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Superintendente do SLMG
Diretor de Apoio Técnico
Diretor de Articulação e Promoção Literária
Projeto Gráfico e Direção de Arte

Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Antonio Augusto Junho Anastasia
Eliane Parreiras
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
João Pombo Barile
Plínio Fernandes – Traço Leal
Carol Luz
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney
Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz
Martins dos Santos e Mariane Macedo Nunes (estagiária)
Fabrício Marques – JP 04663 MG

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

WANDER PIROLI

POR ELE MESMO

Sem o menor pudor, declaro que gosto de viver.

Sempre tive uma certa incapacidade para aceitar a injustiça.

Nem pensar em futuro, é viver o presente.

Eu fui treinado a não abrir mão da esperança. Acredito numa sociedade melhor, para mais gente...

E creio que tem muita gente com a mesma fé, a mesma esperança.

Sou um homem aprisionado. Mas eu negocio a minha liberdade o tempo todo e luto por ela.

Eu vivi a minha vida, pequeninha, mas eu vivi pedaço por pedaço.

Quem esteve comigo viveu também. Então, eu não admito tristeza.

Vivo intensamente com o meu pessoal, eu gosto das pessoas e gosto deles,
exageradamente, mas não exclusivamente,

porque eu gosto de muita gente ao mesmo tempo. Nunca me arrependi disso e nunca quebrei a cara.

Acho que vou morrer desse jeito, com uma certa insubordinação, uma certa rebeldia.

A boa jogada de viver está, por exemplo, num pedaço de terra na beira do São Francisco.

Se eu pudesse, estaria lá, de pé no chão.



o menino
e o pinto
do menino

Wander Piroli

WANDER PIROLI
OS DOIS IRMÃOS



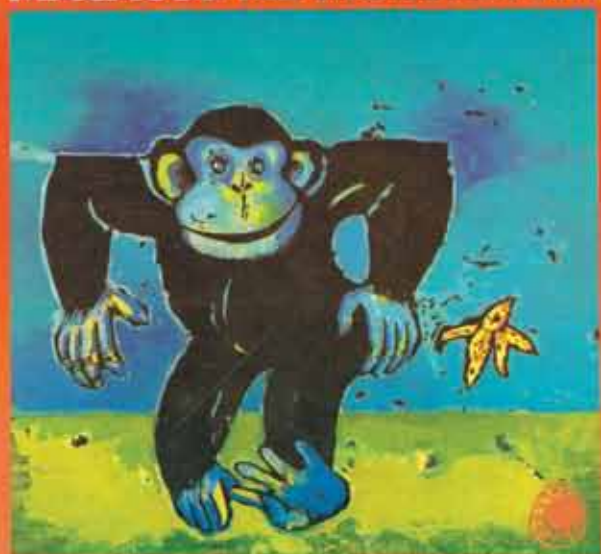
Desenhos de Angela Lago

EDITORA
COMUNICAÇÃO

OS RIOS MORREM DE SEDE



WANDER PIROLI
MACACOS ME MORDAM !...



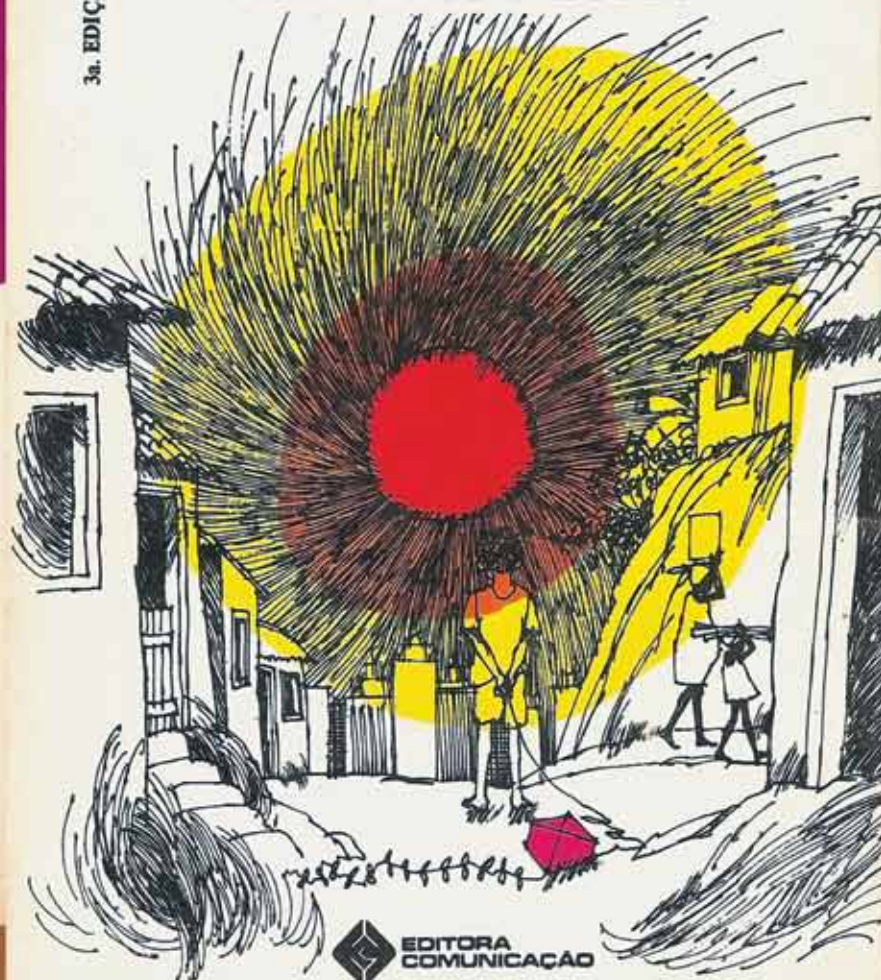
WANDER PIROLI

EDITORA
COMUNICAÇÃO

A MÃE E O FILHO DA MÃE

3a. EDIÇÃO

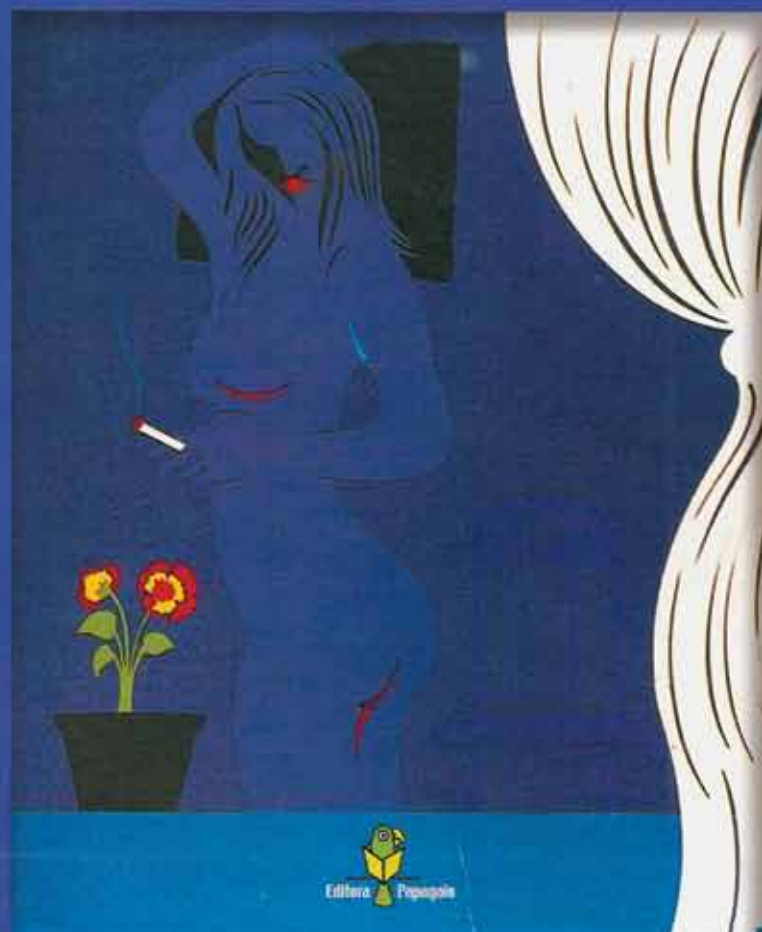
WANDER PIROLI



EDITORA
COMUNICAÇÃO

Wander Piroli

MINHA BELA PUTANA



Editora
Pirapora

ELES ESTÃO AÍ FORA

Wander Piroli

Editora Leitura

BH. A cidade de cada um

Lagoinha
Wander Piroli



Escritos da Noite

É proibido
comer
a grama

Wander Piroli

Editora Leitura